

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH  
2014/2015

**Relatório Final**  
**A adaptação curricular e a construção de materiais pedagógicos**

Raquel Sereno da Costa Quintino  
Relatório Final elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e  
1ºCiclo do Ensino Básico  
Orientadoras: Professora Mestre Maria Celeste Ribeiro  
e Professora Mestre Maria Lacerda

Lisboa, abril de 2015



## **Agradecimentos**

Agradeço desde já a todos aqueles que fizeram parte desta minha jornada e que, de uma forma ou de outra, ajudaram a que eu encontrasse o meu caminho.

Em especial aos meus pais, Rui e Lili, pela paciência e por todo o carinho, aos meus irmãos, Tatá e Becas, pela força, disponibilidade e amizade, sempre na hora certa.

Ao João e ao Tiago, que sempre me apoiaram e se mostraram disponíveis para me ajudar em todas as alturas. Especialmente ao João por me compreender e sobretudo por aceitar todas as vezes em que a única coisa que eu queria era estar em casa e descansar.

À escola onde tive o privilégio de realizar a minha última prática de ensino supervisionada, pois tanto as crianças como os professores e profissionais de educação foram incansáveis e mostraram-se sempre disponíveis para me ouvirem e deram-me sempre espaço para elaborar e pôr em prática todas as minhas ideias.

À minha família, no geral, por compreender que nem sempre tinha tempo nem espaço para eles, e que nem sempre era possível todos os momentos de carinho e de companheirismo ao quais estamos habituados.

Agradeço também a todos os meus amigos e amigas que me acompanharam ao longo de todo o curso e também nos longos dias de pesquisa em bibliotecas, mais especificamente as minhas colegas e amigas Daniela Barata, Filipa Botelho e Vera Castelo Branco.

Por fim, não posso deixar de agradecer à professora Maria Lacerda e à professora Maria Celeste Ribeiro, pela disponibilidade, pela orientação e por todas as conversas, o meu muito obrigada.

A todos muito obrigada, Raquel Costa Quintino



## **Resumo**

Este relatório tem como objeto de estudo a importância dos materiais adaptados para crianças com NEE (necessidades educativas especiais), assim como, tentar compreender e verificar o porquê dos mesmos não serem sistematicamente usados.

Visitados autores de referência e, explicadas e reflectidas as atividades realizadas e a construção dos materiais adaptados para trabalhar determinados temas e conteúdos do programa do 1ºCiclo procurei encontrar resposta para as perguntas que balizaram este estudo, procurando sempre a contextualização do mesmo.

Durante o estágio, local onde escolhi a problemática para a realização deste relatório, foquei-me essencialmente numa criança com NEE, à qual era diagnosticada uma paralisia cerebral. Foi com esta criança que trabalhei a partir dos materiais adaptados que construí ao longo do estágio.

A metodologia escolhida é de cariz qualitativo tendo usado como instrumento de recolha de dados a observação participante que foram registadas na forma de notas de campo.

A análise dos dados permitiu-me perceber a importância do uso desses materiais num trabalho quer de diferenciação pedagógica quer de inclusão na sala de aula de um aluno com NEE.

**Palavras-chave:** necessidades educativas especiais; construção de materiais adaptados; paralisia cerebral; diferenciação pedagógica e inclusão.



## **Abstract**

The aim of this report is to study the importance of adapting teaching materials for Special Needs Children, as well as to understand and verify why these materials are not systematically used.

By referring to Reference Works and also by explaining and considering the activities developed and the construction of the adapted materials to work with specific topics and contents in Primary School, I tried to find the answers to the questions which surrounded this study keeping it always within its context.

During my training, when I decided upon the problematic of my work, I focused on a particular Special Needs Child who had been diagnosed with brain paralysis. It was with this Child that I worked based on the adapted materials, which I designed throughout my training.

The chosen methodology is one of a quality matter and as an instrument of data collection I used direct observation registered in the form of field notes.

The analysis of the data allowed me to realise the importance of using these materials to work not only as a means for pedagogic differentiation but also for the inclusion of a Special Needs Student in the classroom.

**Key words:** Special needs education; construction of adapted materials; brain paralysis; pedagogic differentiation and inclusion.



# Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1 – Enquadramento teórico-empírico da Prática de Ensino Supervisionada</b> .....	5
1.1 – Apresentação do problema e questões de investigação.....	5
1.2 – Escola para todos: Escola Inclusiva.....	5
1.3 – Diferenciação Pedagógica.....	10
1.3.1 – Estratégias a usar com crianças com NEE.....	13
1.3.2 – Importância dos Materiais Adaptados.....	15
1.3.3 – Avaliação das crianças com NEE.....	16
1.4 – Paralisia Cerebral.....	18
1.5 – Opções metodológicas.....	19
<b>2 – Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente</b> .....	23
2.1 – Apresentação do local de estágio.....	23
2.2 – Caracterização da criança.....	28
2.3 – As práticas observadas e o foco deste estudo.....	31
<b>3 – A Prática de Ensino Supervisionada na Instituição</b> .....	35
3.1 – Conhecimento e preparação do terreno.....	35
3.2 – Em Ação.....	37
3.2.1 – Descrição e Resultados.....	39
3.2.1.1 – <i>Jogo dos Animais – Quem são e onde vivem</i> .....	40
3.2.1.2 – <i>Roda dos Alimentos</i> .....	42
3.2.1.3 – <i>Jogo da Memória</i> .....	44
3.2.1.4 – <i>Jogo das Sílabas</i> .....	45
3.2.1.5 – <i>Quadro de Análise dos objetivos alcançados pelas atividades propostas</i> .....	46

3.3 – Após a intervenção .....	47
<b>4 – Considerações finais</b> .....	<b>49</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>57</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>61</b>
Anexo 1 .....	62
Anexo 2 .....	63
Anexo 3 .....	71

## **Introdução**

O estágio é tempo para privilegiar o contacto direto com as crianças, a instituição, os familiares das crianças, o meio envolvente e com os professores e todos os profissionais de educação que fazem parte do corpo docente e não docente da instituição.

O tipo de estágio realizado é um estágio profissionalizante, sendo o último estágio do mestrado, tem como finalidades a integração do aluno no sistema educativo, desenvolver competências profissionais na instituição, definir e consolidar a intencionalidade pedagógica e por fim fundamentar e avaliar a ação educativa.

Os objetivos gerais do estágio são três, desenvolver as relações interpessoais com os agentes educativos no contexto institucional e com as crianças/adultos; a intervenção pedagógica, onde temos de ser capazes de desenvolver e mostrar a nossa capacidade de intervenção; e por fim o registo e reflexão, onde tem de estar presente todos os registos e reflexões da ação educativa.

Ao longo de todo o curso, tive a possibilidade de passar por vários estabelecimentos de ensino, desde públicos, a IPSS (instituição particular de solidariedade social) passando também pelos colégios privados.

Neste último estágio, fiquei numa escola pública situada no centro de Lisboa, que abrangia crianças e adolescentes desde o pré-escolar até ao final do 3ºCiclo. Esta escola, em conjunto com mais oito fazem parte de um agrupamento, onde uma das nove escolas é a principal, sendo a sede de todo o agrupamento.

Durante o estágio os objetivos que presidiram foram sem dúvida a relação e a intervenção educativa uma vez que para mim são dois aspetos essenciais para que haja uma boa intervenção pedagógica.

Vivenciei e observei muitas realidades diferentes, o que fez com que diariamente fosse totalmente de espírito aberto para o estágio, para conseguir receber tudo aquilo que as

crianças tinham para dar, assim como dei o melhor de mim para a aprendizagem e crescimento de cada criança.

Realizei o meu estágio numa turma de 2º ano bastante heterogénea, havia crianças com NEE (necessidades educativas especiais), crianças com varias dificuldades de aprendizagem, crianças empenhadas e trabalhadoras, entre outras variantes, mas independentemente de tudo a alegria era constante e contagiante.

Ao fim de algumas semanas em estágio, percebi que uma grande dificuldade da professora cooperante era dar a atenção necessária a cada criança, uma vez que a heterogeneidade era grande, nem sempre era possível chegar a todas da mesma forma. Não é uma turma onde o nível de aprendizagem se encontra todo no mesmo grau, pelas dificuldades das crianças que resumidamente apresentei acima, o que exige uma grande “ginástica” da parte da professora, mas que nem sempre é suficiente.

Assim, com tudo o que observei e vivenciei decidi escolher como objeto do meu estudo a “A adaptação curricular e a construção de materiais pedagógicos” no sentido de potenciar as aprendizagens das crianças com NEE.

Todas as restantes crianças tinham manuais escolares e realizavam as aprendizagens a partir dos mesmos, mas as crianças com NEE, não, pois não tinham capacidade para acompanhar uma aula lecionada e orientada pelo livro escolar.

Desta forma, ao longo do meu estágio elaborei diversos materiais, tendo em conta os temas, conceitos e objetivos e a serem abordados e necessários para as crianças com este tipo de dificuldades realizarem aprendizagens significativas.

A estrutura do relatório baseia-se sobretudo em quatro capítulos. O primeiro refere-se a todo o enquadramento teórico-empírico e metodológico, no qual são citados diversos autores tendo em conta o tema/problema escolhido. É uma recolha bibliográfica, onde é possível

fundamentar o problema, ao mesmo tempo que apresento ainda a metodologia escolhida para a recolha de dados no terreno.

O segundo capítulo tem como título “Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente”. Neste capítulo apresento detalhadamente a instituição onde executei a minha prática pedagógica, mantendo sempre em anonimato o nome e a localização da mesma. Esta descrição terá como base e ponto de partida todos os registos que elaborei ao longo do estágio.

É também neste capítulo que refiro o conjunto de fatores que despertaram o interesse para a problemática escolhida, justificando ao mesmo tempo a razão pela qual acredito ser uma problemática importante a ser desenvolvida.

O terceiro capítulo refere-se à apresentação das atividades elaboradas e realizadas contextualizando-as na problemática escolhida. Aqui apresento não só as atividades e resultados obtidos, como também explico como cheguei à escolha das mesmas.

Por fim, e ainda no terceiro capítulo, explico todo o trabalho feito para que, quando eu terminasse o estágio houvesse uma continuidade do trabalho que iniciei, conseguindo assim um trabalho contínuo, onde o principal objetivo era proporcionar momentos para que houvesse aprendizagens significativas.

O quarto, e último capítulo, diz respeito às considerações finais, ou seja, é neste capítulo que apresento as minhas reflexões sobre o trabalho desenvolvido e toda a experiência vivenciada ao longo do estágio, assim como, tento explicar a intenção de projetar novos caminhos de intervenção, em relação à problemática escolhida.

Ao longo de todo o relatório irão ser referidos alguns nomes, sendo todos eles fictícios.



## **1 – Enquadramento teórico-empírico da Prática de Ensino Supervisionada**

### **1.1 - Apresentação do problema e questões de investigação**

No decorrer da prática de ensino supervisionada em 1º ciclo do ensino básico e com a intenção de desenvolver uma ação educativa ajustada à turma e a cada criança em particular, constatei que teria de adaptar as propostas às aprendizagens das crianças. A questão mais desafiante foi com uma criança com paralisia cerebral. O principal objetivo seria o de proporcionar à criança a aprendizagem de conteúdos, que estavam a ser abordados na sala de aula, de estudo do meio, português e matemática, e recorri a materiais por mim construídos e adaptados para tentar dar resposta às lacunas existentes no processo de aprendizagem da criança, atendendo à sua especificidade.

Neste processo de preparação das tarefas e atividades propostas a esta criança emergiram as questões seguintes:

1 - Será que em termos táteis e visuais o material didático desperta o interesse da criança, ajudando assim na aquisição de conteúdos escolares?

2 - Como pode o professor desenvolver práticas diferenciadas?

3 - A adaptação curricular é algo essencial para a aprendizagem desta criança. Como fazê-lo e como pô-lo em prática?

4 - Qual é a importância da reflexão feita, após a sua utilização, sobre o trabalho realizado com os materiais adaptados?

### **1.2 - Escola para todos: Escola Inclusiva**

Para que seja possível existir uma “escola para todos” é essencial que se compreenda o que é este conceito e o que realmente implica “ser uma escola inclusiva”. Acima de tudo, segundo Ladeira e Amaral (2010) a escola:

É bem mais do que um local onde se aprender a ler e a escrever. É possivelmente, um local onde se aprende a viver, a participar com outros em atividades, a conhecer melhor a comunidade em que se está inserido, a conviver com pessoas diferentes. (p.23).

Desta forma, uma escola inclusiva, deve ser mais do que uma escola de ensino regular, deve ser uma escola que para além de receber e de integrar as crianças com NEE em turmas regulares, principalmente, deve assumir, juntamente com o encarregado de educação e com a família, todo o apoio essencial para o melhor desenvolvimento da criança. Para Brazelton e Sparrow (2010) o conceito de inclusão:

Apresenta oportunidade à criança para que ela se modele e aprenda com outras crianças. Ela pode, em especial, aprender a lidar consigo própria num grupo e a estabelecer relações sociais com uma variedade de pares. Ela pode aprender a lidar com a sua incapacidade e até ficar motivada para a ultrapassar. (p.381).

Já para Correia (2008, p.19) a inclusão “não pode, nem deve, arredar-se muito do objetivo que lhe deu origem, o atendimento educacional a alunos com NEE, efetuado nas escolas das suas residências e, na medida do possível chegar às classes regulares”, ou seja, a inclusão não é apenas receber e integrar uma criança com NEE numa turma de ensino regular, mas sim, fazer com que haja um desenvolvimento e uma aquisição de conceitos para o crescimento da mesma.

A inclusão não beneficia apenas as crianças com NEE, pois todos os restantes alunos podem aprender a ser melhores pessoas e a compreender a vida através da convivência com crianças do ensino especial, segundo Brazelton e Sparrow (2010, p.381) “as crianças não incapacitadas da turma normal podem lucrar muitíssimo – se as suas professoras não estiverem sobrecarregadas. Os colegas da turma podem aprender a cuidar das crianças com necessidades especiais”.

Para ser possível trabalhar cada vez melhor com crianças com NEE, é necessário uma educação especial, como o próprio nome indica. Essa educação só é possível ser realizada se houver uma boa equipa de colaboradores que trabalhe todos para o mesmo fim, interagindo entre eles para que se consiga apoiar a criança a diversos níveis e para que o seu desenvolvimento e aprendizagem progrida da melhor forma, tal como Alper et al, citados por Nielsen (1999), afirma:

Tendo em conta o plano educativo individualizado e as necessidades pessoais do aluno, a equipa pode ser constituída por: por um professor de educação especial, o psicólogo da escola, um assistente social, um patologista da fala, um terapeuta físico, um terapeuta ocupacional, outros profissionais e consultores, o diretor da escola e os pais. De acordo com as necessidades o professor da classe regular poderá solicitar um ou vários destes profissionais, para obter informações e apoio. (p.19).

Desta forma, o professor do ensino regular sente-se apoiado e pode sobretudo pedir orientações, aos membros da equipa colaboradora, sempre com o intuito de melhorar o ensino para a criança com necessidades educativas especiais.

O papel do professor e do educador é muito importante, na medida em que acompanham a criança nas diferentes fases da vida, desta forma é importante que haja um contacto entre os dois de forma a acompanhar melhor o desenvolvimento da criança num momento de transição para o 1º ciclo.

O modelo de construção de blocos de Sandall e Schwartz, embora pensado para a educação pré-escolar, ajuda a delinear um caminho para que a aprendizagem e o acompanhamento das crianças com NEE seja o mais eficaz.

Neste modelo de construção de blocos (figura 1), como é possível verificar, Sandall e Schwartz (2003) acreditam que existem quatro blocos essenciais, sendo eles: a componente básica - o programa pré-escolar de elevada qualidade; de seguida as adaptações curriculares que dizem respeito à adaptação dos conteúdos curriculares, material e propostas de atividades

promotoras da aprendizagem ativa da criança; as aprendizagens embutidas são consideradas como as estratégias a utilizar pelos educadores no sentido de dar resposta aos objetivos, por fim estratégias de ensino centradas na criança, ajudando-a a conseguir superar e alcançar os objetivos pretendidos à medida que vai crescendo.

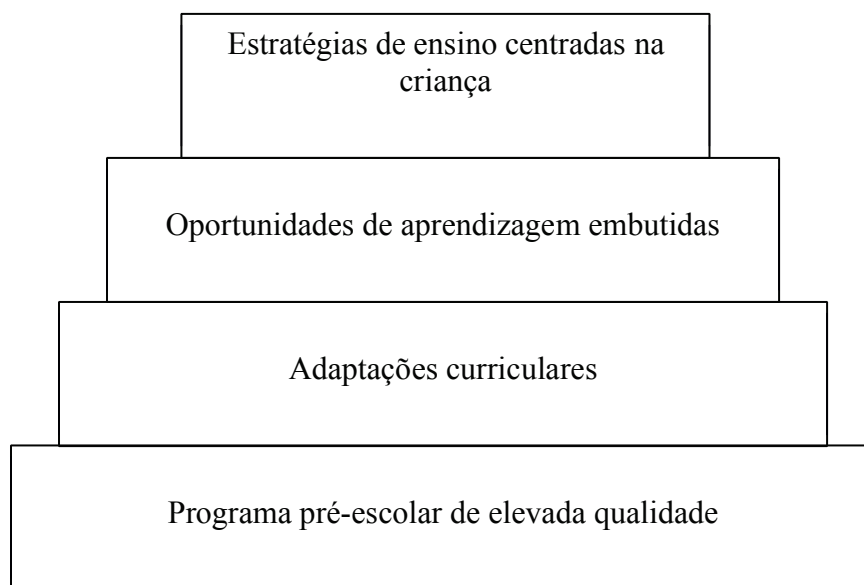


Figura 1 – Modelo de Construção de Blocos, segundo Sandall e Schwartz (2003, p.20)

Sandall e Schwartz (2003), afirmam que:

Para utilizar este modelo com sucesso, os educadores têm de conciliar os objetivos individuais da criança com métodos pedagógicos e materiais apropriados, decidir a quantidade de ajuda ou de assistência de que a criança precisa; têm de fornecer essa ajuda e de determinar se a ajuda for útil. Felizmente, várias pessoas (por exemplo, terapeutas e outros especialistas) estão disponíveis para ajudar o educador. Toda a equipa tem de trabalhar em conjunto. (p.19).

Tal como mencionei anteriormente a aplicação deste modelo pode ser adequada ao 1º ciclo por ser um modelo baseado numa perspetiva bioecológica que a meu ver é essencial nos processos educativos.

A perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner é um modelo que nos remete para as questões de desenvolvimento humano, e tem como base quatro pilares: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. Assim, deste modo este modelo assenta nestes pilares e acredita que sem eles o desenvolvimento não é possível, uma vez que todo o processo, o contexto, o tempo e a pessoa são importantes e é necessário que estes quatro pilares estejam alinhados para que haja um bom desenvolvimento. Como afirma Cadima (2006):

Há uma aprendizagem formal que é preciso fazer, é para isso que a escola existe, há aprendizagens conceituais, procedimentais, atitudinais que se vão jogar ali, há crianças e jovens que precisam dessas aprendizagens (os alunos) e há adultos qualificados para o exercício dessa função (os professores). Tudo se passa num espaço e num tempo. (p.111).

Mas na verdade o que é uma educação especial? É uma educação diferente? Em que sentido? Como se proporciona então esta educação especial que todas as crianças diagnosticadas com deficiência necessitam?

Serviços de educação especial segundo Correia (2008, p.45) são o “conjunto de recursos que prestam serviços de apoio especializados do foro académico, terapêutico, psicológico, social e clínico, destinados a responder às necessidades especiais do aluno com base nas suas características e com o fim de maximizar o seu potencial”, ou seja, educação especial não é apenas estar abrangido pelo ensino especial, mas sim existir uma educação adaptada e especial à criança com NEE.

O que é na verdade uma Escola Inclusiva? Segundo Pereira (2009, p.7) “a inclusão escolar, enquanto orientação que respeita as diferenças individuais, pressupõe diversidade curricular e de estratégias de ensino/aprendizagem”, assim, é possível compreender que uma escola inclusiva não é apenas aquela que aceita que as crianças com NEE a frequentem, mas sim aquela que efetivamente cria estratégias e formas diversificadas para que as crianças aprendam da melhor forma.

A filosofia subjacente ao conceito de Educação Inclusiva baseia-se, pois, num conjunto de três princípios fundamentais, o direito à Educação, à Igualdade de Oportunidades e de Participar na Sociedade (Rodrigues, 2008). Isto traduz-se no acesso ao ensino por todas as crianças, mesmo as portadoras de deficiência, ao atendimento personalizado de cada uma, dando respostas adequadas às suas características e necessidades educativas especiais e ainda, à garantia da criança com deficiência viver no seu ambiente familiar e na comunidade em que reside, usufruindo das respostas educativas que necessita.

Cabe então, ao professor enquanto decisor, orientar o seu trabalho segundo as especificidades dos seus alunos. Sobre o professor recai uma grande responsabilidade, no sucesso e na melhoria substancial do ensino e da própria função formativa da escola (Zabalza, 2000).

### **1.3 - Diferenciação Pedagógica**

Diferenciação pedagógica, como o próprio nome indica parte de um leque abrangente de crianças com diversas necessidades e dificuldades distintas, todas frequentado a mesma sala de aula, constituindo assim uma turma heterogénea, segundo Santos (2009, p.52) a diferenciação pedagógica “constitui-se como uma resposta orientada pelo princípio do direito de todos à aprendizagem, essencial para dar resposta à heterogeneidade de alunos que frequentam a escola actual.” Para Niza, 2015:

Compreende-se melhor o que queremos dizer quando falamos de diferenciação pedagógica, se nos concentramos no trabalho do professor e no esforço que faz para romper com o tratamento igualitário do ensino simultâneo tradicional e passar a proceder a uma diferenciação do ensino nas suas aulas. (p.1).

Morgado (2004) afirma ainda que:

É importante que as escolas, enquanto organizações, estabeleçam modelos cooperativos, partilhados, de definição dos objetivos comuns, o que, não

acontecendo, facilita a existência, ainda frequente, do isolamento dos indivíduos dentro da organização, ou seja, a manutenção de culturas individualistas em detrimento da promoção de culturas de cooperação. (p.21).

o que chega a prejudicar a diferenciação pedagógica.

Para Tomlinson (2008, p.13) a diferenciação pedagógica emerge nas salas de aula quando cada aluno tem acesso a uma aprendizagem eficaz, assim, “uma sala de aula com ensino diferenciado proporciona diferentes formas de apreender conteúdos, processar ou entender diferentes ideias e desenvolver soluções de modo que cada aluno possa ter uma aprendizagem eficaz”. O mesmo autor, afirma, ainda, que (2008, p.15) “o professor consegue perceber que alguns alunos preferem ou beneficiam do facto de trabalharem de forma mais autónoma, enquanto outros se saem melhor trabalhando em grupos de dois ou três.”, tal atitude do professor só é possível se houver efetivamente um conhecimento profundo de cada criança, promovendo sempre a individualização.

Como já referi acima, nas turmas diferenciadas ou heterógenas o professor tal como Tomlinson (2008, p.16) afirma “parte do princípio de que diferentes alunos têm diferentes necessidades. Por essa razão, o professor planeia de forma pró-activa diversas maneiras de “chegar até” e expressar a aprendizagem.”, conseguindo assim, adequar a sua prática e ação pedagógica, ajustar a mensagem que pretende transmitir à individualidade de cada aluno.

Numa escola, há várias salas de aulas, todas diferentes de algum modo, o mesmo acontece com as turmas, todas são diferentes, pois não há crianças iguais. Tomlinson (2008) acredita que um professor que segue:

O ensino diferenciado não se vê como alguém que “já diferencia o ensino”. Pelo contrário, esse professor está plenamente consciente de que cada hora de ensino, cada dia passado na sala de aula, pode revelar um novo modo de adequar o ensino aos alunos. (p.20).

Perante a diferenciação pedagógica o professor tem de criar diversas atividades e programá-las consoante as necessidades e os objetivos que quer alcançar com a mesmas, bem como, a caracterização da turma heterogénea que acompanha. Tomlinson (2008) refere que:

O professor pensa e programa as actividades educativas à luz do conceito de “múltiplos caminhos para o conhecimento” em prol de diversas necessidades, e não em termos do que é “normal” e “diferente”. O objectivo para cada aluno é elevar ao máximo o seu “nível de aprendizagem” actual. O objectivo do professor é compreender cada vez melhor em que nível os alunos se posicionam para que possa ir ao encontro das suas necessidades. (p.31).

Assim, um professor que recorre a uma prática de diferenciação pedagógica no seu dia a dia, com a turma que leciona, é consciente que esta requer muito esforço e dedicação. Tal como afirma Santos (2009):

Pôr em acção uma prática de diferenciação pedagógica é exigente para o professor. Exigente, não porque roube tempo para o cumprimento do programa – não há cumprimento se não houver aprendizagem -, mas sim porque requer um conhecimento profundo dos alunos. (p.57).

A mesma autora afirma ainda que “a existência de dois professores na aula poderá facilitar a diferenciação simultânea”.

Assim, para ajudar os alunos no processo da aprendizagem e torná-los seres produtivos é necessário que o professor conheça “os objetos didáticos e identifique as aprendizagens fundamentais de modo a planificar o seu estudo, avaliar os seus conhecimentos e a identificar as dificuldades.” (Cadima, 1996, p.51). Para saber os objetos didáticos primeiro é necessário conhecer a turma através do diagnóstico que é uma ferramenta que possibilita o conhecimento do potencial e das dificuldades dos alunos e conseqüentemente que didática ou objetos didáticos deve-se utilizar para despertar o interesse e a aprendizagem dos mesmos.

Em suma, de acordo com Nóvoa (2005, p.95) “não se deve manter um ensino colectivo, mas antes buscar os caminhos de uma diferenciação pedagógica, que atenda aos ritmos de aprendizagem de cada criança em vez de se pautar pelo ritmo de ensino do professor.” A diferenciação pedagógica assume-se como uma necessidade emergente, não no reconhecimento das diferenças como uma novidade, nem na percepção que cada aluno aprende melhor ou com mais dificuldades em determinados momentos ou sobre certos assuntos, mas na necessidade de assumir, quer na escola, quer dentro da sala de aula, a existência dessas diferenças.

### **1.3.1 - Estratégias a usar com crianças com NEE**

Uma das principais estratégias a utilizar com crianças com NEE, deve ser baseada na organização, pois é essencial que esta exista para que seja possível obter resultados positivos na aprendizagem das crianças, de forma a que o tempo seja rentabilizado da melhor forma pois, como refere Ladeira (2010, p.16) “o trabalho dentro da sala de aula necessita de ser organizado de acordo com a diferenciação de estratégias a utilizar.”

Ladeira (2010, p.24) acredita que “os planos individuais devem ser desenhados com objetivos específicos a curto, médio e longo prazo, de acordo com os objetivos da classe, incluindo a adaptação dos conteúdos previsto para a turma” pois é fundamental que haja uma adaptação curricular de forma a criar programas individuais para que a aprendizagem da criança seja mais direcionada e possível de concretizar. Por sua vez estes planos devem conter objetivos gerais e específicos de forma a que as diretrizes estejam bem delineadas para que, tanto o professor de ensino regular, como todos os outros profissionais que interagem com estas crianças, estejam em conformidade relativamente às aprendizagens da criança.

O mesmo autor (2010, p.24) afirma ainda que “as atividades a desenvolver com os alunos devem incluir vivências em outros espaços para além da sala de aula, de modo a

aumentar o contacto e o conhecimento do mundo real”, é importante não esquecermos esta afirmação, para que seja possível combater o estereótipo de aprendizagem formal, que na maior parte das vezes, em vez de ajudar, condiciona as aprendizagens dos alunos. Para combater esta aprendizagem podemos criar e proporcionar à criança novas oportunidades potencializando a aprendizagem de aprender.

Para que haja um bom acompanhamento dos alunos com NEE, acredito que seja necessário ter em conta determinadas características para que o ambiente e as estratégias a utilizar sejam as mais indicadas e favoreçam a criança. Assim, Ladeira (2010) acredita que os aspetos mais importantes a ter em conta são a necessidade de um apoio individualizado; a necessidade de uma adaptação do currículo com objetivos funcionais; conseguir criar ambientes estruturados, de forma a melhorar condições de intervenção e de participação do aluno; arranjar possibilidade de ter equipamentos e materiais específicos, que possam desenvolver o processo de aprendizagem, uma vez que estas crianças não aprendem através do método formal como as crianças de ensino regular e que conseqüentemente necessitam de material adaptado.

Para resolver problemas de saúde, o mesmo autor refere que por vezes é necessário materiais adequados para os solucionar (colchões, aspiradores de secreções); também é importante que haja uma boa gestão de tempos específicos, consoante cada criança; por fim é essencial que haja uma inserção numa turma regular, para que a criança não se sinta excluída e para que os restantes alunos aprendam a respeitar a diferença; as salas de recursos, são salas importantes, que as crianças com multideficiência frequentam para realizarem atividades mais específicas, devem estar estrategicamente localizadas nas escolas, para haver um fácil acesso aos espaços exteriores e ao mesmo tempo aos espaços comuns.

Como referi anteriormente, é essencial que hajam equipamentos e materiais específicos para que seja possível chegar, efetivamente, a uma aprendizagem real de diversos

conceitos importantes para a vida futura das crianças, assim como, cativar e estimular para que esta ganhe o gosto de aprender e sobretudo de descobrir as situações diversificadas que o mundo tem para nos oferecer.

### **1.3.2 – Importância dos Materiais Adaptados**

Quando se fala de turmas heterógenas, onde os problemas são variados e por diversos motivos algumas crianças não acompanham todo o processo de aprendizagens, é necessário atuar para que este fator mude. Deste modo a implementação da diferenciação pedagógica é importante uma vez que engloba diversas técnicas e caminhos para que seja possível chegar ao fim com aprendizagens positivas, tornando assim uma qualidade melhor na educação, como afirma Cadima (2006, p.109) “a diferenciação pedagógica emerge como uma dinâmica fundamental a ter em consideração para tornar uma realidade a equidade e a qualidade na educação”.

A diferenciação pedagógica, tem como papel principal ultrapassar problemas no processo de aprendizagem, assim, um dos aspetos importantes de referir é a adaptação de currículos, para que seja possível criar condições favoráveis para uma aprendizagem seja mais significativa. Segundo Cadima (2006):

Esta dimensão envolve também a questão da qualidade dos materiais, enquanto interação com os objectos e com os símbolos é fundamental. Na diferenciação pedagógica tem que haver materiais diversificados em quantidade suficiente para que os meninos trabalhem autonomamente e possam, assim, desenvolver a sua responsabilidade, autonomia, comprometimento com o seu próprio processo e ... encontrar prazer no trabalho escolar. (p.113).

A existência de materiais diversificados e adaptados é essencial para que haja uma eficaz diferenciação pedagógica, uma vez que o principal objetivo é fazer com que as crianças ultrapassem as lacunas existentes, conseguindo assim alcançar aprendizagens

significativas. Assim, segundo Cadima (2006, p.115) “os meninos que têm mais dificuldades na aprendizagem precisam imenso de uma estrutura organizada, contentora com limites, onde de facto haja também uma dimensão lúdica, haja uma dimensão criativa.”

Em suma, a diferenciação pedagógica ajuda a ultrapassar as barreiras que se colocam na atividade e na participação dos alunos ao longo do seu processo de aprendizagem.

(Cadima, 2006, p.110).

### **1.3.3 - Avaliação das crianças com NEE**

Para que uma criança seja considerada NEE, é porque já atravessou um processo de avaliação, onde os resultados diagnosticaram um determinado problema cognitivo ou motor que faz com que a criança seja abrangida pelo decreto de lei nº 3/2008, de 7 de janeiro.

Considera-se uma criança com NEE a que já atravessou uma avaliação na qual os resultados mostraram dificuldades cognitivas e/ou motoras, e não só as crianças portadoras de deficiências visíveis. Como afirma Correia (2008):

Há um conjunto de alunos cujas características, capacidades e necessidades, obrigam muitas vezes a que a escola se organize no sentido de melhor poder elaborar respostas educativas eficazes que façam com que eles venham a experimentar sucesso. Estes alunos designam-se comumente de alunos com necessidades especiais. (p.43).

Perante esta primeira avaliação, ou seja, o facto da criança ser abrangida pelo decreto de lei, faz com que a criança seja incluída e encaminhada para o ensino especial. Após este primeiro fator, seguem muitas mais avaliações, desta vez mais direcionadas para as atividades que a criança realiza, assim como avaliações de final de período e por sua vez nas avaliações do final do ano letivo.

Estas crianças, com já foi referido a cima necessitam de apoio individual e adaptações curriculares, assim como é importante elaborar um PDI (plano de desenvolvimento individual) ou por outro nome, PEI (plano educativo individual), como também de um PAPI

(plano acompanhamento pedagógico individual). Estes documentos elaborados pelo professor titular da turma regular, juntamente com as técnicas de ensino especial, ajudam a delinear objetivos a atingir e a alcançar com o aluno em questão. Tal como acredita Bautista (1997, p.59) “tanto numa visão de educação especial como na outra, considera-se fundamental que a escola seja capaz de articular planos suficientemente individualizados para facilitar o desenvolvimento individual do aluno”.

Ferreira, Ponte e Azevedo (2000, p.90) afirmam que “a avaliação é uma fase fundamental do plano de intervenção. Consiste num processo de recolha de informação”, conseguindo assim compreender se a atividade teve sucesso, perceber o que correu bem e menos bem, e sobretudo entender se a criança atingiu os fins pretendidos.

Quando se planeia uma atividade para um aluno com NEE é essencial que os objetivos que se quer que a criança alcance estejam bem definidos para que a avaliação seja mais rigorosa.

O procedimento de avaliação é suportado por uma observação atenta e cuidada da criança, segundo Ferreira et al. (2000, p.94) a observação deve ser livre, quando se trata de observar diversos contextos, como por exemplo, em casa, na sala de ensino regular, na sessão terapêutica, entre outros contextos; por outro lado há também a observação instrumental que consiste como o próprio nome indica, avaliar perante instrumentos como testes e escalas por exemplo.

As crianças com NEE quando não são autónomas o suficiente, refiro-me por exemplo à leitura ou à realização de exercícios, necessitam de ajuda extra para realizarem as atividades propostas quer dentro como fora da sala de aula, tendo assim um apoio no que diz respeito à orientação da tarefa, para que compreenda o que é pedido das diversas situações, estas ajudam não são apenas em atividades do dia a dia, mas também nos teste de final de período, que são essenciais para a avaliação dos alunos.

Para terminar a avaliação das crianças deve ser feita não só pela professora de ensino regular, mas sim por todos aqueles que acompanham a criança na escola, como afirma Bautista (1997):

É trabalho da equipa multidisciplinar realizar uma avaliação do desenvolvimento e aprendizagem do aluno dentro do ambiente escolar, e introduzir as modificações necessárias. Esta avaliação deve ser flexível, contínua e qualitativa. É preciso analisar como aprende a criança e, em função disso procurar as estratégias mais adequadas. (p.303).

#### **1.4 - Paralisia Cerebral**

Segundo Ferreira et al. (2000, p.13) paralisia cerebral “É uma perturbação do controlo neuromuscular, da postura e do equilíbrio, resultante de uma lesão cerebral estática que afeta o cérebro em período de desenvolvimento”, o mesmo autor afirma ainda que “é uma condição complexa que apresenta grande variedade de situações neurológicas irreversíveis e não progressivas existindo uma multiplicidade de casos de Paralisia Cerebral, diferentes uns dos outros”.

Não há nenhuma causa específica que provoque a paralisia cerebral, mas há efetivamente, certas situações que podem originar em futuras paralisias cerebrais como é o caso da prematuridade. Para Bautista (1997, p.294) “as causas da paralisia cerebral são tão complexas e variadas como os tipos clínicos, excluindo-se uma base genética e, portanto, a possibilidade de transmissão de pais para filhos”.

Uma pessoa que seja portadora desta deficiência, à medida que vai crescendo irá deparar-se com certas limitações ao longo de toda a sua vida, como ao nível motor, da fala, entre outros, que irão complicar sobretudo a interação/socialização assim como a sua própria deslocação. Como refere Bautista (1997):

O cérebro possui uma multiplicidade e funções inter-relacionadas. Uma lesão cerebral pode afectar uma ou várias destas funções, pelo que é frequente que as perturbações motoras possam estar acompanhadas por alterações de outras funções

como a linguagem, audição, visão, desenvolvimento mental, carácter, epilepsia e/ou transtornos perceptivos. (p.296).

O mesmo autor (1997, p.302) acredita ainda que “é preciso desenvolver na criança o sentido de autonomia”, desta forma é importante que esta competência seja trabalhada com a criança desde o início, para que esta sinta que é capaz de realizar tarefas sozinha sem a ajuda de um adulto, isto é que desenvolva a sua autorrealização e autoconfiança.

Para que haja uma integração e inclusão das crianças com paralisia cerebral dentro das salas de ensino regular é importante que haja uma adaptação de espaço e reorganização da sala.

No que diz respeito aos pares, criar relações interpessoais é essencial para a inclusão destas crianças, independente do ambiente onde esteja. Nielsen refere (1999, p.98) que “o professor deve seleccionar um aluno da classe para assumir a função de “companheiro mais íntimo” do aluno com paralisia cerebral. O apoio que esse aluno proporcionará não deve, porém, pôr em causa a independência do aluno com paralisia cerebral”, ajudando assim a criar relações interpessoais entre a criança com paralisia cerebral e as restantes da escola/turma.

## **1.5 - Opções metodológicas**

Para que me fosse possível realizar esta investigação foi essencial conhecer e integrar-me na turma, como refere Aires (2011, p.18) “o investigador confronta-se com o desafio de se situar historicamente, de saber gerir a diversidade e o conflito que esta nova perspectiva lhe cria e de a adoptar como ponto de partida do seu projecto de pesquisa.”

Ao longo de todo o período de estágio, posso afirmar que de todas as opções metodológicas existentes, decidi arriscar numa investigação de cariz qualitativo com recurso à observação como técnica de recolha de dados. Segundo Aires (2011, p.24-25) “a

observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas”.

Observação não é apenas ver, mas sim, como refere Sousa (2009, p.108) “observar é olhar atentamente”, desta forma à medida que o tempo ia passando a minha observação ia sendo diferente, podendo assim afirmar que de acordo com Afonso (2005), passei da observação não-estruturada à observação estruturada.

Segundo Afonso (2005, p.91) “a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos”, assim, ao longo da minha observação tive intenção de nunca julgar, nem expor a minha opinião, para que pudesse ser uma observação direta, tal como foi referido acima, sem qualquer opinião nem pontos de vista externos, para Aires (2011, p.25) “uma das características básicas da observação tem sido tradicionalmente o seu não-intervencionismo. O observador não manipula nem estimula os seus sujeitos”.

Toda a observação que realizei é considerada uma observação direta e participante uma vez que surgiu de um trabalho de campo, onde estive presente no local e partiu de uma experiência vivida, e onde eu, como investigadora tive uma intervenção direta com os intervenientes da observação.

Inicialmente, quando cheguei ao centro de estágio a observação que eu fazia, segundo Sousa (2009, p.112) era chamada de “observação simples”, uma vez que não sabia o que ia encontrar e que no fundo a minha posição como observadora era compreender e conhecer toda a realidade e ambiente envolvente.

Após algumas semanas com uma observação simples, comecei a focar a minha observação para um problema mais concreto, passando assim a ter uma “observação

estruturada”, segundo conceito do mesmo (2009, p.113), onde procurei encontrar soluções de forma a agir corretamente perante o problema que eu observava.

Uma forma de registar a informação neste tipo de metodologia é a realização de um diário de campo, onde é relatado o que é vivido no dia a dia, como também um breve reflexão e avaliação do mesmo. Também é possível realizar notas de campo, ou seja, relatar detalhadamente um dado momento a que se assiste e se observa, que como afirma Bogdan e Biklen (1994, p.150) são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Segundo Afonso (2009, p.94) “Um dos principais problemas da utilização da observação como técnica de recolha de dados consiste na falta de rigor dos registos produzidos”, uma vez que por vezes é difícil o investigador passar exatamente o que viveu e observou, sendo sempre mais fácil fazê-lo através de fotografias ou vídeos.

Para apresentar os resultados o investigador passa por várias fases. Segundo Aires (2011):

O investigador cria, em primeiro lugar, o texto de campo ou notas de campo e, depois, documentos a partir destas notas. Enquanto interprete, passa deste tipo de texto para o texto de pesquisa: notas e interpretações baseadas nas notas de campo. (p.52).

Para elaborar notas de campo é necessário seguir um padrão, começando por identificar - a situação, data, hora, duração, local, intervenientes, género, idade e identificar o contexto - de seguida apresenta-se uma tabela com duas colunas na vertical. A coluna do lado esquerdo tem como título “Notas Descritivas”, como o próprio título indica neste local é descrito tal e qual o momento que está a ser observado e registado. Esta descrição pode ser feita em diálogo ou numa narrativa. Do lado direito colocam-se as inferências, ou seja, questões ou aspetos que nos fazem pensar sobre o momento descrito. Por fim, no seguimento

das duas colunas, surge uma parte de comentário, onde são escritas todas as informações, justificações e fundamentações teóricas para a situação observada e descrita.

## **2 - Caracterização do contexto institucional e da comunidade envolvente**

### **2.1 - Apresentação do local de estágio**

A instituição onde este ano realizo a minha prática de ensino supervisionada faz parte de um agrupamento de escolas, do qual fazem parte mais nove escolas, sendo uma delas a principal e sede de todo o agrupamento.

Para realizar a apresentação do local de estágio guiei-me pelos dados que fui recolhendo ao longo de todo o tempo em que permaneci na instituição, assim como por conversas que surgiram entre mim e a professora cooperante, uma vez que não tive a possibilidade de consultar os documentos internos da instituição.

Recentemente a escola sofreu modificações nas suas infraestruturas, que têm cerca de quatro anos, foi toda remodelada e abrange agora vários níveis de ensino: jardim de infância; 1º ciclo; 2º ciclo e 3º ciclo, tendo continuação na escola secundária do mesmo agrupamento.

A nível de primeiro ciclo existe apenas uma turma por ano, ou seja, uma turma de primeiro, outra de segundo, outra de terceiro e outra de quarto ano, apesar de haver espaço suficiente e mobilado, com quadros, mesas, cadeiras, armários e cabides, para a abertura de mais turmas. Há turmas muito grandes e com crianças com NEE e outras com muitas dificuldades de aprendizagem, que necessitavam de estar inseridas numa turma mais pequena para que fosse possível uma aprendizagem melhor e mais individualizada.

Há uma separação entre os alunos dos diferentes ciclos, quer em termos de recreios físicos quer nos próprios horários, o que faz com que raramente se cruzem.

Têm uma grande área exterior para que as crianças possam brincar livremente, equipada com escorregas, campos de futebol, jogos da macaca, entre outros. É bastante visível que as crianças são felizes por terem tanto espaço onde possam brincar. Um dos pontos mais fracos que apontei, após a minha observação, é que durante o inverno, mais concretamente quando chove, a área onde as crianças permanecem durante os intervalos é

demasiadamente pequena para a quantidade de crianças existente, falando apenas das crianças que frequentam o 1º ciclo, o que faz com que não consigam ter tantas brincadeiras e que existam mais discussões pois não há espaço para todas brincarem.

As instalações e os equipamentos escolares são novos e muito modernos o que ajuda a que a escola tenha muito boas condições e um espaço amplo, sempre a pensar no bem estar das crianças. A escola possui uma grande e completa biblioteca escolar, sala de estudo, sala de informática, reprografia, bar, refeitório, entre outros espaços para um melhor crescimento e aprendizagem formal e não formal dos alunos que a frequentam.

Existem, Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) como música, inglês, entre outras, lecionadas após o tempo letivo, das 16h30 às 17h30 por professores qualificados; há também uma Componente de Apoio à Família na Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo (CAF), que se baseia num apoio ao acolhimento das crianças, à hora de almoço e durante o prolongamento escolar.

É considerada uma escola inclusiva, ou seja, a chamada “escola para todos” que abrange e acolhe crianças com NEE, e que dá o apoio essencial dentro dos diferentes panoramas existentes, ajudando-os a crescer e a evoluir da melhor forma.

#### Segundo Bautista (1997)

É um novo modelo de escola aberta à diferença, onde se tenta que as minorias encontrem uma resposta às suas necessidades especiais sem prejudicar os outros, mas muito pelo contrário, beneficiando todos os alunos em geral, por tudo o que traz de mudança e renovação e pelos novos recursos e serviços com que pode contar. (p.21).

O agrupamento tem duas unidades para autistas (1ºciclo e 2º/3ºciclo) e três unidades para a multideficiência (1º/2º/3ºciclo), por outro lado também existem crianças diagnosticadas com NEE, mas que se encontram integradas nas turmas de ensino regular. Esta instituição abrange crianças cuja residência está dentro da área onde se localiza a escola, mas também filhos de funcionários ou de pais que trabalhem perto da mesma.

Existe uma grande envolvimento com identidades externas do meio onde se insere, agarrando todas as oportunidades existentes para complementar os conhecimentos das crianças, conseguindo assim melhorar todo o processo de ensino-aprendizagens. A biblioteca da zona onde a instituição pertence é bastante grande e promove várias atividades que complementa o currículo dos diferentes anos, convidando sempre e apresentando os projetos à instituição para que os professores, possam avaliar e informar-se de forma a participar ou não.

Esta escola dá emprego a muitos adultos e enquanto permaneci na instituição, gostei muito do ambiente, era notória a alegria no trabalho e a entrega que os adultos dão quer à instituição no geral quer a cada aluno individualmente.

Através da observação realizada ao longo de todo o estágio, pude concluir que a professora utiliza várias estratégias para os diversos fins. Para criar um bom ambiente de aprendizagem na sala de aula as crianças estão sentadas estrategicamente, ou seja, as que se distraem com mais facilidade e as que têm mais dificuldades em ouvir ou dificuldades na aprendizagem, estão sentadas mais perto do quadro e da secretária da professora. Por outro lado as crianças que têm dificuldades também estão intercaladas com as que não têm, de maneira a haver uma ajuda entre todos quando for necessário, para de certo modo, despertar na criança a ajuda ao próximo e saber trabalhar a pares. Vygotsky citado por Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro e Gomes (2007, p.39) salienta “O papel da sociedade na construção das funções intelectuais superiores, sendo esta fundamental para que o funcionamento cognitivo surja de forma culturalmente organizadas e das interações sociais.”.

O mesmo autor refere, ainda, que:

A perspetiva vigotskiana formula a Lei Geral do Desenvolvimento Cultural, segundo a qual qualquer função no desenvolvimento cultural do sujeito surge duas vezes, ou em duas esferas, isto é, primeiro no plano social e posteriormente no plano psicológico; primeiro entre sujeitos e depois inerente ao próprio sujeito. (p.39).

Para rentabilizar o ritmo de trabalho, por norma as tarefas da manhã são ditas aos alunos e escritas no quadro logo no início da mesma, para que quando houver crianças a terminarem alguma tarefa estas possam imediatamente passar à próxima (se for possível), para não haver quebras no trabalho, nem distrações, pois sabemos que uma criança quando acaba um trabalho e não tem outro, fica impaciente e muitas vezes prejudica (sem querer) o trabalho das outras crianças que ainda não terminaram.

No que diz respeito à forma de avaliação das atividades realizadas, a maior parte das vezes é realizada no quadro. Quando se trata de uma correção de uma ficha, por exemplo, pude assistir a uma correção verbal, do trabalho de grupo da roda dos alimentos, na qual foi feita uma conversa com a turma toda sobre as diversas rodas dos alimentos construídas, onde todos puderam visualizar o que é que estava mal em cada uma e como é que deveria ser feito para ficar correto; outras vezes também são feitas correções individuais, quando há dúvidas ou questões em exercícios concretos. Além de todas estas formas de avaliação, a professora, corrige as fichas individualmente, independentemente de terem sido corrigidas ou não no quadro.

Relativamente à gestão de comportamentos inadequados e adequados, é notório que as crianças compreendem quando fazem mal e quando não cumprem o que deviam cumprir (como os trabalhos de casa, por exemplo). Sempre que há problemas a resolver com alguma criança, esses problemas são resolvidos em frente à turma, através do diálogo, para que todos os outros compreendam o que se fez mal e para se arranjar soluções, criando assim uma assembleia, com o propósito de resolver todos os problemas e conflitos.

Segundo Amado e Freire (2002) citado por Tavares et al. (2007), no que diz respeito à gestão de comportamentos é necessário o:

Desenvolvimento de competências de comunicação (aprender a ouvir e a respeitar as opiniões dos outros), na educação para os valores, no desenvolvimento de um autoconceito positivo e realista, na criação de oportunidades efetivas de participação

dos estudantes na vida escolar e na criação de condições ambientais que favoreçam o aparecimento de relações interpessoais positivas e bem-estar. (p.164).

Por outro lado quando as crianças têm comportamentos adequados, e como também é bom elogiar, são premiadas com elogios da professora, atos e palavras carinhosas, e por fim, ao final do dia, quem merece recebe a cor verde no comportamento e carinhas contentes no placard da leitura e da tabuada.

Todos os dias, há uma certa rotina, inicia-se com a chamada, ou seja, todos os alunos são chamados por ordem alfabética para que seja possível ver quem está presente e quem não está, esta primeira parte da rotina é essencial para a criança que tem NEE mais profunda, pois ajuda a criança a situar-se no dia e a saber que as aulas estão a começar, de seguida escreve-se a “data grande” e da “data pequena” no quadro, depois, há sempre uma criança que recolhe os cartões de todos os alunos e por fim a professora escreve as tarefas da manhã no quadro, para que todas as crianças saibam o que se vai fazer.

Existe um horário que na maior parte das vezes, é cumprido mas que eventualmente pode sofrer alterações, isto porque, se houver uma atividade mais longa de alguma área e não fizer sentido dividir a atividade em dois momentos, o que se faz é ter uma manhã ou uma tarde (consoante o necessário) e no dia seguinte em vez do horário estipulado faz-se uma ligeira modificação. Ou seja, quando é necessário faz-se uma manhã inteira de português e no dia seguinte uma manhã inteira de matemática, para compensar.

Este é um grupo que em termos de receptividade às tarefas e à construção do conhecimento é muito aberto, nota-se muita vontade de aprender e de descobrir coisas novas, quando são lançadas tarefas, todos tentam cumpri-las da melhor forma que sabem. Apesar das crianças com dificuldades de aprendizagem que podem demorar mais tempo a executar, é notório um grande empenho e dedicação em todas as tarefas propostas pela professora.

As tarefas propostas, são variadas, desde fichas construídas pela professora, realizar exercícios dos livros, trabalhos de grupo, exercícios no quadro, não só abrangendo as áreas principais mas também a área das expressões, apesar de existirem AEC's e de todas as crianças assistirem às mesmas, a professora faz questão de, no horário que leciona, incluir as expressões semanalmente.

Para terminar, mas não menos importante, é espantoso ver a relação entre os pares, entre professora/aluno e aluno/professor, são uma turma muito unida, estão sempre prontos a ajudar uns aos outros, brincam muito no recreio uns com os outros e há uma grande preocupação em ajudar e em brincarem com a criança que tem NEE mais profunda, é uma turma alegre, divertida e com um gosto enorme para brincarem uns com os outros.

A relação com a professora não podia ser a melhor, existe respeito, cumplicidade, verdade, compreensão e acima de tudo um ambiente excelente para uma boa aprendizagem e um bom crescimento, pois na verdade estas crianças de hoje são os adultos de amanhã.

## **2.2 - Caracterização da criança**

Esta caracterização foi elaborada tendo em conta a minha observação direta, conversas com a professora cooperante, com as técnicas que acompanham a criança e também através da leitura do processo da criança em questão onde consta toda a sua história de vida. Apenas irei referir factos que considero essenciais para a elaboração do meu trabalho de pesquisa.

O João, tem atualmente oito anos é do género masculino e frequenta uma turma de 2º ano de 25 crianças. É português, tem os pais divorciados e para organização dos pais e para a escola ter conhecimento, a criança tem uma tabela na mochila onde diz quais são os dias em que está com o pai e os dias em que está com a mãe. A tabela é seguida à risca, quando há

alterações a mãe ou o pai têm o cuidado de escrever na caderneta para que a escola, e mais concretamente, a professora titular tenha conhecimento.

Esta criança nasceu prematura, com apenas 27 semanas de gestação, com 590g de peso e 29 cm de comprimento. Durante a gravidez a mãe teve algumas complicações como pré-eclampsia e hiperestimulação ovariana. Depois de ter nascido, teve cerca de 11 semanas na incubadora, a ser alimentado por sonda e com ventilação durante 10 semanas. Assim que completou as 39 semanas de vida teve alta hospitalar, indo assim para casa com os pais.

Durante os primeiros três anos de vida, o João, foi internado várias vezes por diversos motivos, um deles registando graves intolerâncias alimentares, e só a partir dos três anos é que se conseguiu estabelecer alguma estabilidade em termos alimentares. Hoje em dia, continua com muitas intolerâncias alimentares o que faz com que a sua alimentação seja muito restringida a certos alimentos, ao longo do dia. O lanche e o almoço vêm sempre de casa pois só pode comer determinados alimentos, assim como também é necessário ter cuidado na forma como se confeccionam os mesmos; por essa razão a mãe e o pai optam por enviar a comida de casa.

A criança nasceu prematuramente e apresentava um diagnóstico de paralisia cerebral: Diplegia Espástica, devido à lesão no cérebro causada pelas sequelas da prematuridade. Esta lesão foi confirmada através de uma ressonância magnética feita no ano de 2012, onde se regista leucomalácia periventricular de grau moderado com relativo predomínio frontal.

A criança é acompanhada por vários especialistas consoante as necessidades que apresenta nomeadamente gastroenterologia (intolerâncias alimentares), oftalmologia (ao estrabismo); fisioterapia (a tensão no tendão do membro inferior direito); endocrinologia (atraso de crescimento devido à prematuridade); pneumologia (infecções do pulmão direito recorrentes à prematuridade); neuropediatria e pediatria do desenvolvimento.

Também é seguida no centro de paralisia cerebral desde o primeiro ano de vida, onde conta com o apoio de uma terapia ocupacional. Dentro da sala de aula conta com a ajuda dos colegas, da professora titular e de duas terapeutas que vão 4 dias por semana à escola, durante toda a manhã, e que trabalham individualmente com a criança, seguindo as orientações da professora titular de turma. Estas terapeutas organizam-se entre si, pois só vai uma de cada vez à sala - normalmente à segunda, terça e quinta vai uma e à sexta vai a outra, que também está com o João na natação ao sábado.

Na escola, esta criança, está inserida no ensino especial, pois é considerada uma criança com NEE, segundo o Decreto de Lei nº 3/2008 de 7 de janeiro, com adequações de avaliação e conta com quarenta e cinco minutos por semana de apoio por parte das professoras de NEE, normalmente é à terça feira à tarde.

Esta criança tem adaptações curriculares, assim como um PEI e um PAPI. O ambiente educativo tenta ao máximo responder às suas necessidades, criando os mais diversos materiais adaptados para que a aprendizagem seja feita com sucesso.

É uma criança com algumas limitações tal como atrás foram descritas, mas é uma criança esforçada, trabalhadora, empenhada e dedicada.

Todos os sábados esta criança frequenta a natação nas piscinas dum clube desportivo da cidade de Lisboa, é autónoma e tem feito um grande progresso ao longo das aulas. É capaz de nadar nos diferentes estilos e realizar os exercícios propostos pelo professor e tal como acima referido é acompanhado por uma das terapeutas. Esta terapeuta acompanha esta criança desde os três anos de idade, ou seja, há cinco anos.

A criança em questão está muito bem integrada quer na escola, quer na respetiva turma, os colegas são muito amigos e estão sempre dispostos a ajudar no que for necessário. Ao longo da rotina escolar a criança realiza e participa em todas as atividades e acompanha a

turma em tudo, ainda é muito dependente dos adultos e dos colegas, mas aos poucos tem vindo a fazer progressos quer na autonomia quer na expressão oral.

Como balanço do 1º período, de acordo com o PEI a criança não atingiu os objetivos propostos não tendo, assim, revelado os resultados pretendidos. Esta criança colabora e realiza as tarefas quando é acompanhada por um adulto que a apoie, dando indicações; se sozinha, distrai-se e não as conclui pelo que necessita muito de um apoio para as realizar com sucesso.

As estratégias para melhorar, estipuladas pela professora cooperante em conjunto com as terapeutas que acompanham o João e comigo, foram aceites pelo encarregado de educação e passam por executar um trabalho diário em casa, para que a criança não vá perdendo o ritmo, assim como será elaborada uma folha com conteúdos a ser trabalhados e assimilados pela criança até ao final do segundo período, para que as terapeutas saibam o que têm de trabalhar, pois muitas vezes não é fácil todos os dias antes de começar as aulas dizer e orientar as terapeutas que por sua vez têm que orientar a criança. Desta forma está a ser criado um dossier com fichas e exercícios para que consoante o que queiram trabalhar possam ir ao dossier e tirar o que necessitarem, assim o trabalho é mais orientado e a professora titular não tem de dizer às terapeutas diariamente aquilo que se tem de trabalhar com o João.

### **2.3 – As práticas observadas e o foco deste estudo**

O grupo da sala do 2º ano, onde fiquei a estagiar, é composto por vinte e cinco crianças, com treze rapazes e catorze raparigas; as idades variam entre os seis e os oito anos, havendo assim duas crianças com seis anos, dezanove com sete anos e as restantes três com oito anos.

A turma tem três crianças diagnosticadas com NEE, uma com uma Perturbação do Espectro do Autismo, outra com um défice de atenção associado a uma imaturidade na coordenação olho-mão e um Q.I. de 70%, e por fim outra criança que tem uma lesão no cérebro (massa encefálica) devido ao facto de ter nascido prematura, com apenas vinte e sete semanas.

Para além das crianças diagnosticadas com NEE, também há várias que têm défices que dificultam as aprendizagens, como é o caso crianças que necessitem de terapia da fala, que têm défices de atenção, problemas de visão entre estrabismo e dislexia, défices auditivos elevados e por fim défices de vocabulário e de compreensão (por não serem portuguesas e terem outra língua materna).

As crianças diagnosticadas com NEE, têm o apoio das professoras de educação especial e a criança que tem a lesão no cérebro conta com uma ajuda externa à escola de duas técnicas de um centro especializado. As restantes crianças que têm problemas de aprendizagens contam com um apoio educativo, caso os pais permitam, para que algumas dificuldades sejam superadas.

Ao longo da minha observação diária, pude concluir que é uma turma que necessita de diversas respostas e de uma forma rápida, devido aos diversos problemas e dificuldades existentes. Todas as crianças com dificuldades são à partida autónomas, no que diz respeito à execução de trabalhos e de tarefas, mas a criança com paralisia cerebral não, o que faz com que seja necessário um acompanhamento muito individual e personalizado, com duas técnicas externas que, por iniciativa da mãe, vão à escola trabalhar com a criança em questão.

O apoio dado a esta criança é de quarenta e cinco minutos por semana por parte das professoras de NEE; normalmente este apoio é dado à terça feira à tarde, juntamente com as outras duas crianças com NEE.

Apesar da criança em questão estar muito bem integrada quer na escola, quer na respetiva turma, e de contar com todo o apoio possível para que haja uma aprendizagem significativa e individual, depois de uma observação direta e atenta apercebi-me que há vários aspetos que podem ser melhorados para que a aprendizagem quer forma, quer informal, seja mais significativa e com resultados melhores.

Todo o apoio é essencial, mas por vezes pode não ser totalmente eficaz, por não haver materiais adaptados à criança para que esta evolua na sua aprendizagem. Ao longo das primeiras semanas que permaneci na instituição, a criança trabalhava muito a leitura e escrita de palavras com as letras m; t; p e l, através de quadros feitos pela professora que continham tanto as palavras como as imagens das mesmas. Na área da matemática eram trabalhados os números e as operações com o auxílio de palhinhas ou de tampinhas para que a criança fosse capaz de executar operações de adição.

Até às férias do Natal, a criança não trabalhou conteúdos direcionados para a área do estudo do meio, a não ser as regras de sala de aula e as rotinas pois é algo que a criança vivencia diariamente.

Perante estes factos que presenciei e observei, refleti e pensei numa forma eficaz de poder atuar, uma vez que há diversos conteúdos que podem ser trabalhados e apresentados à criança, de forma lúdica e diferente, tendo sempre em conta o nível de exigência.

Para crianças com NEE, só é essencial que a criança aprenda conteúdos que efetivamente irão ser importantes para o seu futuro e para seu dia a dia, ou por outro lado algo que seja essencial para uma futura aprendizagem, como forma de base. Tal como afirma Ladeira (2010):

O trabalho que a escola desenvolve com estes alunos tem como objetivo o seu sucesso na sua vida futura. Nesse sentido, torna-se necessário estabelecer planos de intervenção cujo o objetivos se organizem em função das possíveis atividades dos alunos no futuro. (p.17).



### **3 – A Prática de Ensino Supervisionada na Instituição**

Depois de no capítulo anterior, ter realizado uma apresentação do local de estágio e de ter exposto as principais razões que me fizeram escolher esta situação problemática para analisar, ao longo deste capítulo irei não só relatar como realizei a abordagem ao tema como também ressaltar todas as propostas de atividades que concretizei justificando as mesmas. Por fim irei mencionar a diferença que fez no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, todo o meu interesse e trabalho à volta do problema que apresento ao longo de todo o meu relatório.

#### **3.1 – Conhecimento e preparação do terreno**

Depois da fase de adaptação ao contexto de estágio e depois de uma longa observação sobretudo tendo em conta a problemática escolhida, tive o privilégio de ser bem recebida e acolhida tendo-me sido possível questionar e ter várias conversas com a professora cooperante que me esclareceu todas as dúvidas e sobretudo teve a amabilidade de me contextualizar, para que eu tivesse um conhecimento mais profundo, que me permitiu partir para a pesquisa já com algumas diretrizes.

As terapeutas ocupacionais que acompanham o João, desde o início que se mostraram disponíveis para me conhecer e ajudar no que fosse necessário, desde responder às minhas questões, dando também informações por iniciativa própria, e até a contextualizarem-me no que diz respeito às evoluções recentes da criança e quais seriam os objetivos a atingir a curto e longo prazo com a mesma. É notório que a cooperação entre a professora titular e as terapeutas que acompanham o João é uma mais valia para o desenvolvimento e crescimento do mesmo.

A professora titular de turma antes das férias do Natal lançou-me o desafio para lecionar todas as aulas durante um mês. Para o tornar viável elaborámos, em conjunto, uma

folha com os conteúdos que teriam de ser lecionados ao longo desse mês, referindo aquilo que as crianças deveriam ter aprendido e consolidado no final desse tempo letivo.

À medida que íamos selecionando os conteúdos, iam surgindo algumas questões, como por exemplo, quais seriam os conteúdos mais complicados de introduzir dadas as eventuais dificuldades das crianças. Este facto ajudou num melhor e mais profundo conhecimento de todos os alunos, ao mesmo tempo que também ajudou a que eu tivesse mais cuidado na preparação dessas aulas, tentando ser ainda mais explícita, direta e minuciosa, na sua elaboração.

Esta turma, como já referi é composta por 25 crianças, em que três são consideradas NEE, há também várias crianças com dificuldades de aprendizagem que muitas vezes podem condicionar o seu desempenho. Uma vez que se trata de uma turma heterogénea a aprendizagem através da diferenciação pedagógica é algo constante assim, como já referi anteriormente, nas turmas diferenciadas ou heterógenas o professor tal como Tomlinson (2008, p.16) afirma “parte do princípio de que diferentes alunos têm diferentes necessidades. Por essa razão, o professor planeia de forma pró-activa diversas maneiras de “chegar até” e expressar a aprendizagem”.

A ajuda dos restantes colegas, para com as crianças com NEE, era algo diário e muito importante, pois era criada uma forma de trabalho a pares ou de grupo, de maneira a que todos aprendessem em diversos aspetos, pois que tal como Brazelton e Sparrow (2010, p.381) “As crianças não incapacitadas da turma normal podem lucrar muitíssimo – se as suas professoras não estiverem sobrecarregadas. Os colegas da turma podem aprender a cuidar das crianças com necessidades especiais”.

Para os alunos com NEE, questionei a professora titular se eventualmente poderia elaborar e criar materiais lúdicos, de forma a que ajudassem na aquisição de conteúdos

estipulados, uma vez que estas crianças não têm livros adaptados, o que prejudica a aprendizagem. A resposta foi positiva e sem perder tempo pus “mãos à obra”.

Como já mencionei, na turma estavam inseridas três crianças com NEE, sendo que apenas uma consegue realizar as atividades que se propõem à restante turma; as outras duas crianças necessitam de tarefas mais direcionadas e mais simples. Uma das crianças, ao João, foi diagnosticado paralisia cerebral, devido à sua prematuridade e à outra criança dificuldades de concentração e um Q.I. de apenas 70%.

Para que eu pudesse ter acesso ao processo da criança com paralisia cerebral foi pedida autorização à mãe (Anexo 1), de forma a ter mais informação disponível, para que eu realizasse o meu estudo.

Ao longo do próximo ponto irei sobretudo falar da criança com paralisia cerebral, pois foi com ela que trabalhei com os materiais didáticos e adaptados que construí, objecto deste estudo.

### **3.2 – Em Ação**

Numa primeira fase, com já referi anteriormente, juntamente com professora cooperante delinear os conteúdos que a criança deveria trabalhar ao longo do 2º período e quais deveriam ser os conhecimentos adquiridos no final deste tempo letivo, tendo sempre em conta as adaptações curriculares, pois como afirma Ladeira (2010, p.24) “os planos individuais devem ser desenhados com objetivos específicos a curto, médio e longo prazo, de acordo com os objetivos da classe, incluindo a adaptação dos conteúdos previsto para a turma”.

Este momento foi importante na medida em que ajudou a que eu me centrasse nos principais objetivos que queria que a criança alcançasse, conseguindo assim elaborar diversos materiais didáticos que favorecessem o processo de aprendizagem da mesma.

As estratégias a utilizar passam muitas vezes por adaptações essenciais que possibilitam a criação de um bom ambiente pedagógico para que ajudem a que as crianças apreendam conceitos e alcancem os objetivos pretendidos. Neste caso, optei por criar jogos didáticos, onde cada um tinha aliado um tema e, à priori objectivos a cada um deles associados. Na maior parte das vezes foi possível adaptar os jogos, que por serem muito versáteis, quer em termos de dificuldades quer também nas temáticas e objectivos delineados, possibilitam trabalhar muitos outros aspetos. Segundo Cadima (2006, p.115) “os meninos que têm mais dificuldades na aprendizagem precisam imenso de uma estrutura organizada, contentora com limites, onde de facto haja também uma dimensão lúdica, haja uma dimensão criativa”.

No diagnóstico feito à criança, pela equipa de saúde, foi identificada uma paralisia cerebral, devido à prematuridade, sofrendo assim algumas lesões a vários níveis tendo havido funções que não ficaram bem desenvolvidas, nomeadamente a fala. Como refere Bautista (1997):

O cérebro possui uma multiplicidade e funções inter-relacionadas. Uma lesão cerebral pode afectar uma ou várias destas funções, pelo que é frequente que as perturbações motoras possam estar acompanhadas por alterações de outras funções como a linguagem, audição, visão, desenvolvimento mental, carácter, epilepsia e/ou transtornos perceptivos. (p.296).

Na construção dos jogos/materiais didáticos, as principais preocupações foram: serem lúdicos, visualmente atrativos, terem objetivos concretos e delineados (estando relacionados com a matéria que se vai explorar) e por último serem fáceis de manipular. Perante estes quatro pontos, que considerei os mais importantes para a construção de material adaptado a crianças com NEE, mais concretamente para o João, construí quatro jogos (Anexo 2), sendo eles:

- Roda dos Alimentos (Ficha de Construção de Material Adaptado 1)

- Jogo das Sílabas (Ficha de Construção de Material Adaptado 2)
- Jogo dos Animais – Quem são e onde vivem (Ficha de Construção de Material Adaptado 3)
- Jogo da Memória (Ficha de Construção de Material Adaptado 4)

Foi possível pô-los todos em prática conseguindo assim fazer uma recolha de informação que ajudou à realização de uma análise e de uma avaliação que possibilitou verificar se os materiais estavam adequados e se os objetivos tinham sido alcançados.

### **3.2.1 – Descrição e Resultados**

Ao longo das várias intervenções com o João, consegui acompanhar as suas evoluções, pude verificar se os materiais elaborados eram fáceis de manipular e se os objetivos pretendidos eram alcançáveis. Optei por realizar uma abordagem qualitativa, com a observação como instrumento de recolha de dados, registada sob a forma de notas de campo (Anexo 3), que como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p.150) são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

As notas de campo foram recolhidas sobre situações focadas no objecto de estudo deste trabalho, uma vez que é uma criança que tem problemas na fala, e devido a isso, nem sempre era possível retirá-las quando estávamos em grande grupo, uma vez que não era fácil para mim escrever tal e qual como a criança dizia as palavras e, ao mesmo tempo, acompanhar o resto da turma. Desta forma, decidi criar um ambiente mais favorável, para que as notas de campo pudessem ser feitas de uma forma mais correta, minuciosa e fidedigna.

Através da observação, pude assistir à reação da criança no primeiro dia que lhe mostrei os materiais - o desejo de conhecer e de tocar era muito grande, uma vez que era algo novo e que o João nunca tinha visto.

Perante as diversas atividades que existiam diariamente na sala, uma das grandes estratégias era, dentro do possível, criar um ambiente de inclusão, para que cada criança fosse evoluindo consoante o seu tempo e capacidade de aprendizagem. Segundo Pereira (2009, p.7) “a inclusão escolar, enquanto orientação que respeita as diferenças individuais, pressupõe diversidade curricular e de estratégias de ensino/aprendizagem”.

### **3.2.1.1 – *Jogo dos Animais – Quem são e onde vivem***

Para a execução e avaliação deste jogo, tive de criar um ambiente propício de forma a que a criança estivesse concentrada, assim pedi para se sentar numa mesa à parte comigo, para que pudéssemos realizar a atividade e ao mesmo tempo tirar notas. Esta tarefa teve duração de 30 minutos aproximadamente e durante todo esse tempo, conversámos sobre a temática e fizemos o jogo de diversas formas.

Tal como refiro na nota de campo 1 de 22 de janeiro de 2015, anteriormente a criança tinha estudado os nomes dos animais numa atividade “idêntica” e que tinha sido feita em grande grupo, por esta razão a criança não os tinha apreendido.

Desta forma, com este jogo é curioso ver como umas paisagens em A3 e várias imagens de animais em A6 podem ajudar na aprendizagem e desenvolvimento de uma criança que a partir dos livros não consegue realizar. Foi uma tarefa simples, feita com materiais acessíveis que tive a liberdade de fazer, que ajudaram muito a que a criança conseguisse observar os animais e aprender conteúdos sobre a temática, de acordo com o programa de estudo do meio do ensino básico (2004), bloco 3 – À descoberta do ambiente natural - os seres vivos e o seu ambiente mais concretamente como se chamam e onde vivem.

(mostrei as placas com os diferentes habitats –  
aquático, terrestre e aéreo, uma de cada vez e perguntei)

Raquel - O que é isto?

João - É o ma. (é o mar)

Raquel - E isto?

João - É o céu. (é o céu)

Raquel - E isto?

João - É a terra. (é a terra)

Raquel - Muito bem!!! Acertaste em todos!!

(O João riu-se)

(peguei nos cartões dos animais e mostrei um de cada vez e perguntei)

Raquel – Que animal é este?

João - É o pato.

Raquel - E este?

João - É o patáago. (papagaio)

Raquel - E este?

João - É o polto. (polvo)

Raquel - E este?

João - É o pititito. (piriquito)

Nota de Campo 1 de 22 de janeiro de 2015

Ao longo das semanas fui percebendo que o João é uma criança muito dedicada e empenhada, mas que necessita de ser sistematicamente motivada e estimulada. Este novo material teve um resultado espantoso, pois efetivamente a criança conseguiu desenvolver conhecimentos e aprendizagens importantes revelados numa segunda etapa da manipulação do mesmo jogo.

Estes momentos de individualidade são importantes criando-lhe segurança, mostrando o desenvolvimento que a criança faz e toda a evolução que esta consegue alcançar em pouco tempo sobretudo quando a intervenção é feita de uma forma lúdica, cativante, motivadora e interessante.

Este jogo foi criado especificamente para trabalhar com o João os conceitos relacionados com os animais e os seus habitats. Após ter trabalhado com o João, as restantes crianças da turma mostraram-se entusiasmadas e de seguida realizei a atividade com o grande grupo, o resultado foi muito positivo. O João também participou e foi notório o envolvimento de todas as crianças.

Ao analisar esta situação é possível afirmar que estou perante uma diferenciação pedagógica referente à construção do material e trabalho com o mesmo focado nas necessidades do João, ao mesmo tempo refiro-me à inclusão, uma vez que ao construir um jogo para uma determinada criança foi possível incluir a restante turma, realizando o jogo em grande grupo, numa altura posterior à atividade individual com a criança.

Para Tomlinson (2008, p.13) a diferenciação pedagógica emerge nas salas de aula quando cada aluno tem acesso a uma aprendizagem eficaz, assim, “Uma sala de aula com ensino diferenciado proporciona diferentes formas de apreender conteúdos, processar ou entender diferentes ideias e desenvolver soluções de modo que cada aluno possa ter uma aprendizagem eficaz”, desta forma acredito que tenha conseguido pôr em prática uma diferenciação pedagógica, uma vez que as restantes crianças já tinham estudado os conteúdos trabalhados pelo jogos noutra altura e de uma forma diferente e o jogo ajudou a consolidar os conteúdos de uma forma bem diferente.

### **3.2.1.2 – Roda dos Alimentos**

Tal como referi na nota de campo 2 de 09 fevereiro de 2015, para que a criança tivesse o primeiro contacto com este novo material, chamei-a para perto de mim e falámos sobre o tema aproximadamente 10 minutos. A uma criança com dificuldades, como esta, não se exige que saiba o que são laticínios, nem hortícolas, assim como leguminosas mas sim que tenha uma noção do que é a “roda dos alimentos” e quais são os alimentos que dela fazem parte.

Este jogo para além de trabalhar a temática, de acordo com o programa de estudo do meio do ensino básico (2004), bloco 1 – À descoberta de si mesmo – saúde do seu corpo – conhecer normas de higiene alimentar mais concretamente de conhecer a roda dos alimentos,

desenvolve competências linguísticas da criança, mais concretamente a fala, uma vez que tem de dizer o nome dos alimentos.

Como refiro na nota de campo 2 de 09 de fevereiro de 2015, para construir esta roda dos alimentos, tive em conta diversos aspetos, entre eles, se a criança tem a motricidade fina desenvolvida o suficiente para ser capaz de descolar e colar os alimentos e ser um material suficientemente apelativo para que causasse na criança interesse e curiosidade. Como afirma Bautista (1997, p.303) “são atividades próprias para o seu nível, adaptando-as às suas características particulares e selecionando as mais importantes para alcançar os objetivos traçados. Para a realização das atividades devemos ter em conta o tipo de disfunção motora (...)”.

Uma vez que foi a primeira abordagem ao jogo, e como forma de familiarização com o objeto novo decidi iniciar com uma conversa, na qual a criança conseguiu identificar perfeitamente alguns dos alimentos existentes, como é o caso da laranja; maçã; morango; banana; pêra; cenoura; tomate; pão; peixe; iogurte; queijo; água; massa e cereais, alimentos esses com quais a criança, provavelmente, tem um contacto diário, já o mesmo não acontecia no que diz respeito a outros alimentos como é o caso do milho, grão e do feijão.

Verifico assim, que para primeiro contacto o resultado tenha sido positivo, pois o material é visualmente atrativo, tem cores muito vivas, as imagens dos alimentos estão plastificados e por isso têm um toque liso e suave. Esta é uma criança muito tátil, por essa razão também passou algum tempo a mexer nas imagens e a observar com a atenção.

(mostrei a rodas dos alimentos grande)

Raquel - O que é isto?

João – (aponta para o peixe e diz) É o pête. (é o peixe.)

Raquel - Sim, esse é o peixe. Mas como é que se chama isto tudo? (e aponto para a roda toda)

(a criança ficou calada)

Raquel - É a Roda dos Alimentos. Repete tu.

João - A roda do alimento. (a roda dos alimentos)

Raquel - Muito bem João!

Nota de Campo 1 de 22 de janeiro de 2015

### **3.2.1.3 – *Jogo da Memória***

Este jogo foi realizado após o João ter terminado uns exercícios de matemática. Questionei-o se queria jogar e respondeu-me que sim. Começámos por identificar as imagens de cada peça, mas o João mostrou algumas dificuldades, pois não sabia como havia de lhes chamar, por isso nas que tinha mais dificuldade ajudei, dizendo o nome, para depois o João repetir.

Os conteúdos trabalhados através deste jogo inserem-se segundo o programa de estudo do meio do ensino básico (2004), no bloco 3 – À descoberta do ambiente natural - os seres vivos e o seu ambiente mais concretamente as plantas e as estações do ano.

Como refiro na nota de campo 3 de 19 de fevereiro de 2015 fizemos este exercício de repetição, diversas vezes para que a criança exercitasse a linguagem e também a memória, não se esquecendo do nome das imagens. Este é um jogo versátil que é possível dividir em dois, por isso, e como achei que o João estava a ficar um pouco baralhado com tantas imagens perguntei-lhe se queria jogar com a parte das plantas ou com as estações do ano. O João escolheu esta última parte por isso demos especial atenção a este “tema”.

Tal como afirmo na nota de campo 3 de 19 de fevereiro de 2015 o facto de ser um jogo da memória, é muito positivo, pois exercita a atenção e a memória das crianças, e mostra-se importante pois estes são dois aspetos fundamentais para uma boa aprendizagem e um desenvolvimento significativo.

A construção e utilização deste jogo foi uma estratégia para que a criança trabalhasse os conteúdos propostos, como refere Ladeira (2010, p.16) “o trabalho dentro da sala de aula necessita de ser organizado de acordo com a diferenciação de estratégias a utilizar”, assim é

importante que haja diversas estratégias para que seja possível trabalhar com crianças com mais dificuldades, criando assim um ambiente organizado e propício à aprendizagem.

#### **3.2.1.4 – *Jogo das Sílabas***

Iniciámos esta atividade com a identificação das imagens soltas, à qual a criança identificou sem hesitar, dizendo corretamente o nome das mesmas, uma vez que eram palavras que já tinham sido trabalhadas pela criança. De seguida pedi ao João que colocasse as sílabas nos locais corretos para formar a palavra correspondente à imagem, nesta fase já houve mais dificuldades. Segundo o programa de português do ensino básico (2009), esta atividade trabalha conteúdos da leitura e da escrita - desenvolver a consciência fonológica e operar com fonemas, mais concretamente a compreender a divisão silábica de 2 e 3 sílabas.

Depois de algum tempo a tentar fazer corretamente, mas sem sucesso, optei por ajudar dizendo a palavra muito devagar, de forma a que o João ouvisse sílaba a sílaba e que pudesse associar o que eu estava a dizer às sílabas que tinha em cima da mesa. O facto de eu dizer as palavras como por exemplo mé-di-co, ajudou-o a ir buscar o quadrado com a sílaba correta.

O João, como já mencionei, sabia o nome de todas as imagem e quanto dizia o nome das mesmas, já o dizia dividindo silabicamente, pois a forma dele falar é já por si através de sílabas, o que faz com que compreenda bem a divisão silábica. Como refiro na nota de campo 4 de 19 de fevereiro de 2015 a linguagem em si é algo em que a criança tem muita dificuldade devido à sua perturbação. Como afirma Bautista (1997, p.297), "vamos encontrar também dificuldades na produção de palavras: a fala é produzida aos saltos, com pausas respiratórias inadequadas e mesmo ligação de frase devida a uma respiração superficial ou arrítmica. (...) Os atrasos no desenvolvimento da linguagem são muito significativos", esta criança apesar das dificuldades na linguagem com esforço e dedicação conseguiu assim

executar a atividade, e no dia a dia desenvolver e treinar a fala, quando pedia ajuda ou quando queria exprimir algo.

Ao longo da atividade, o João esteve sistematicamente a olhar para mim, o que mostra uma certa insegurança, pois estava sempre à espera que eu acenasse a cabeça a dizer se estava bem ou não.

Numa segunda parte a criança realizou a atividade sozinha, eu estive sempre ao lado, mas sem nunca ajudar. Mais uma vez o João esteve sempre a olhar para mim, para ver se eu dizia se estava bem ou mal. Apercebi-me que a insegurança tomava conta dele e como vi que era essencial o meu feedback para o desenrolar do jogo, fui ajudando dizendo apenas com a cabeça se estava bem ou mal.

### 3.2.1.5 – Quadro de Análise dos objetivos alcançados pelas atividades propostas

Ao querer avaliar o alcance dos objetivos delineados para cada um dos materiais construídos para o João verifiquei, após uma reflexão que foram alcançados mais objetivos do que os primitivamente delineados. O que sintetizo na seguinte tabela:

	Português	Matemática	Estudo do Meio	Atenção e Concentração	Aquisição de regras	Motricidade Fina	Motricidade Grossa	Autonomia	Desenvolvimento da linguagem	Vocabulário Novo
<b>Roda dos Alimentos</b>	x <sup>o</sup>		x <sup>o</sup>	x		x <sup>o</sup>			x <sup>o</sup>	x
<b>Jogo das Sílabas</b>	x <sup>o</sup>	x <sup>o</sup>		x	x	x <sup>o</sup>		x	x <sup>o</sup>	
<b>Jogos dos Animais</b>	x <sup>o</sup>	x	x <sup>o</sup>	x	x	x <sup>o</sup>		x	x <sup>o</sup>	x <sup>o</sup>
<b>Jogo da Memória</b>	x <sup>o</sup>		x <sup>o</sup>	x <sup>o</sup>	x <sup>o</sup>	x <sup>o</sup>			x	x
	Objetivos a alcançar <sup>o</sup>			Objetivos alcançados x						

### 3.3 – Após a intervenção

Todos os materiais construídos especialmente para o João, foram também utilizados várias vezes com a outra criança com NEE, com QI de 70%, uma vez que ajudavam na aprendizagem de conceitos e a alcançar os objetivos pretendidos.

A restante turma, também pode desfrutar dos mesmos, em certos momentos, uma vez que eram jogos e todas as crianças gostavam e era uma forma de sair do ensino formal (livros e fichas).

Como referi acima são jogos versáteis, o que torna possível dificultar, caso vejamos que o nível é demasiado fácil para as crianças. Para que fosse possível existir uma continuidade na minha ausência, todos os jogos foram feitos a dobrar para que quando eu terminasse a minha intervenção, a criança não ficasse sem os materiais, podendo assim continuar a sua aprendizagem.

Antes de terminar o meu estágio, houve um grande trabalho em equipa, entre mim e a professora cooperante, de forma a que as aprendizagens das duas crianças com NEE mais complicadas tivessem os conteúdos organizados. Assim, fizemos uma lista de conteúdos e um dossier com material, para que todos os dias fosse mais fácil quer para a professora cooperante, quer para as terapeutas que trabalham com o João.

Para o João o trabalho realizado com a professora cooperante, com as terapeutas e comigo, quando este era feito de uma forma individual tinha resultados muito positivos, assim como, quando havia alguma criança a trabalhar com o João o resultado também era muito positivo, trabalhando não só o conteúdo e tema do trabalho/jogo em si, como a socialização e a comunicação.

O trabalho realizado pelo João tinha mais proveito quando era realizado em pequenos grupos, pois se fosse em grande grupo, o João, como não conseguia acompanhar o raciocínio

acabava por se perder, e com isto, perdia o interesse e acabava por se desmotivar, não realizando a atividade, permanecendo a olhar à sua volta e a brincar com a borracha.

## 4 – Considerações Finais

Ao longo das catorze semanas de estágio que realizei, vivenciei e observei muitas realidades diferentes.

Durante o estágio houve dois aspetos que valorizei e que foram importantes ao longo da minha prática pedagógica, sendo eles a capacidade de relação com as crianças e com os adultos da instituição e a capacidade em realizar e planificar intervenções pedagógicas.

O Ser Humano é um ser sociável por natureza, tem uma enorme capacidade em se adaptar ao meio envolvente. Para se desenvolver precisa de socializar, de se dar a conhecer e de conhecer o outro.

Segundo Andrade (2007, p.31) “(...) as emoções são fundamentais em qualquer relacionamento humano (...)”, o que permite que haja o desenvolvimento de uma relação humana através dos nossos próprios sentimentos para com os outros.

A interação com o outro é algo importante uma vez que somos seres que nascemos para viver em sociedade. Integrarmo-nos na sociedade que nos rodeia, faz parte da nossa própria natureza pois só desenvolvemos totalmente as nossas capacidades se formos capazes de nos dar a conhecer ao outro, conseguindo assim crescer em comunidade e ao mesmo tempo melhorar a nossa relação com os outros.

Durante o tempo de estágio, tive o privilégio de contactar com profissionais e crianças que me ensinaram diversas coisas, ajudaram-me crescer e a cumprir todos os objetivos que tinha de alcançar ao longo das catorze semanas e isso foi bastante importante e satisfatório.

Aprendi muito ao longo deste tempo. Aprendi a trabalhar com uma turma onde os níveis de aprendizagem estão em patamares muito diferentes, o que dificulta a forma como se lecionam os conteúdos; aprendi a estar e trabalhar diariamente com crianças com NEE; aprendi a saber ouvir os pais, que muitas vezes criam situações complicadas, com as quais temos de saber lidar, sem nunca tomar partido de nenhum lado; aprendi a interpelar os pais

quando os filhos necessitam de ajuda exterior, como por exemplo, psicólogos, rastreios visuais, auditivos, entre outros; aprendi como sinalizar uma criança para o ensino especial, como fazer uma síntese descritiva de forma a alertar o médico para as dificuldades da criança, para que, seja possível realizar um rastreio e verificar de há algum problema; aprendi muito e sobretudo cresci.

Tal como aprendi, também senti algumas dificuldades, pois houve alturas e momentos que me incomodaram muito, os quais, até me habituar, me condicionaram e perturbaram durante a ação educativa.

Em termos de obstáculos, a grande dificuldade que senti está relacionada com os diferentes níveis de aprendizagens da turma, pois é uma turma com 25 crianças, em que três estão diagnosticadas com NEE (duas não acompanham as aprendizagens das restantes), duas crianças são repetentes (o que por sua vez revela que tenham dificuldades de aprendizagem); uma das crianças é de cultura chinesa (não compreende na totalidade o português, pois só tem contacto com esta língua na escola, uma vez que em casa só fala chinês); duas crianças têm problemas visuais e auditivos graves (o que condiciona a aprendizagem das mesmas); entre outros problemas que existem.

Como é possível verificar, é uma turma onde há muitas crianças com diversas dificuldades, o que complica o processo de ensino-aprendizagem e onde, por vezes, não é possível dar a atenção e a individualidade necessária a cada uma, apesar de haver sempre uma diferenciação pedagógica o que nem sempre é fácil.

As crianças com NEE, necessitam de materiais adaptados, que são realizados/construídos pela professora titular, que contou com a minha ajuda durante o tempo que permaneci na instituição, de forma a que criasse materiais mais direcionados e diversificados, pois a professora cooperante construía os básicos, mais direcionados para a leitura e escrita.

Como referi ao longo de todo o relatório, as crianças que têm dificuldades de aprendizagens significativas e derivadas de problemas externos, necessitam de relatórios PAPI e PEI. Todos estes relatórios são elaborados pela professora titular de turma, e requerem muito tempo para que sejam bem estruturados e de seguida necessitam de ser lidos e assinados pelo encarregado de educação da criança em questão. Por norma, é um processo demorado, pois é necessário que os pais aceitem as dificuldades dos seus educandos e que concordem com o que a professora relata no PAPI e no PEI.

Todos estes aspetos que refiro acima são reais, necessários e urgentes de serem feitos, mas infelizmente, para uma só professora com tantos casos torna-se um processo moroso.

É importante que haja uma boa colaboração e cooperação entre os adultos para que seja possível ajudar da melhor forma as crianças quer com necessidades educativas especiais, quer as que têm dificuldades de aprendizagem, como afirma Correia (2008, p.35), “os alunos com NEE precisam, muitas vezes, de usufruir de um conjunto de serviços especializados, pelo que os professores devem relacionar-se e colaborar, sempre que possível, com os professores de educação especial e com outros profissionais de educação, como, por exemplo, com um psicólogo, um médico, um técnico de serviço social ou um terapeuta”.

A professora cooperante, mostrou-se, desde o início, bastante disponível para me facultar todo o tipo de material que eu precisasse assim como para me ajudar em tudo o que fosse necessário. Aos poucos eu ia arriscando e ia pedindo, para ir realizando diversas intervenções pedagógicas. No início o medo era grande, a primeira vez à frente de uma turma que eu mal conhecia, a realizar uma atividade que tinha objetivos muito concretos, algo nunca antes realizado pelas crianças. A responsabilidade era muito grande.

Com o apoio e as dicas da professora cooperante e com o à vontade que todas as crianças me davam, aos poucos o medo foi passando, até que me senti totalmente preparada para realizar qualquer atividade com a turma. Cheguei até a dar um mês inteiro de aulas

(quatro semanas), estando responsabilizada por orientar os dias inteiros, desde as 9h00 até às 16h00.

Realizar todas as planificações foi bastante importante uma vez que me ajudou não só a esquematizar tudo o que era essencial para cada atividade, desde material, procedimentos, objetivos a alcançar, entre outros tópicos, mas também a organizar o pensamento e a estabelecer uma lógica organizada, para que na altura da realização tivesse tudo orientado, de forma a conduzir melhor a tarefa. Esta organização é essencial para que no momento em que a atividade fosse implementada não houvesse falhas na comunicação com as crianças, ou seja, que fosse tudo explicado de uma forma simples, fluída e com um encadeamento para que todas compreendessem o que era pedido.

Assim, posso concluir que realizar as planificações e os planeamentos é essencial na medida em que para além de organizar o nosso próprio pensamento, ajudam a assentar as ideias de maneira a que seja possível orientar o ensino e evidenciar aquilo que queremos transmitir às crianças de uma forma mais explícita. Como afirma Rodrigues (2012):

a planificação implica o estabelecimento de objetivos, a recolha de informação, recorrendo a fontes internas e externas, e a sua organização com recurso a um suporte escrito, referentes a esquemas, mapas conceptuais, entre outros (...) a avaliação do texto escrito, por referência aos objetivos e ao plano previamente traçado; e a edição possibilita a apresentação final do texto, tendo em conta os objetivos inicialmente delineados. (p.XII).

Não é fácil planear um mês de trabalho e aulas, mas tive a oportunidade de o fazer sem a ajuda e há diversos aspetos que é necessário ter em conta quando se está a planear as atividades a serem realizadas durante um mês inteiro, como por exemplo: a capacidade de resposta da turma; ter a consciência que nem todos os dias são tão rentáveis; que provavelmente à segunda feira é um dia mais agitado, principalmente da parte da manhã, pois as crianças vêm de fim de semana e possivelmente regressam à escola mais agitadas; que há

matérias e conteúdos que necessitam de mais tempo para serem trabalhados e exercitados; entre outros aspetos.

Nesta turma em concreto, onde realizei o estágio, ainda é mais complicado, uma vez que a diversidade é grande, o que na prática, faz com que eu ao planear um mês, tivesse que o fazer três vezes, pois no fundo tinha de planear para a turma em geral, e individualmente para cada uma das duas criança com NEE, que não acompanham as atividades da restante turma.

Planear individualmente, proporciona a cada criança um apoio mais específico, uma vez que ao fazê-lo estamos a focar-nos em determinados conteúdos e na forma de os trabalhar para que a criança atinja os objetivos delineados. Esta diferenciação pedagógica, permite, também alargar o leque das atividades propostas quer às crianças individualmente quer à restante turma, conseguindo assim uma diversificação de propostas, que ajudam na aquisição de conteúdos. Esta é uma das muitas formas de realizar inclusão dentro da sala de aula, uma vez que, usando materiais adaptados para uma determinada criança, é possível inclui-la na restante turma quando lhe proporcionamos um trabalho conjunto, usando os materiais que foram especificamente criados para ela.

O facto da base do nosso curso incluir também a educação de infância ajudou-me bastante, pois tenho uma visão mais lúdica dos acontecimentos, o que faz com que consiga criar situações didáticas com mais facilidade e, sobretudo, criar jogos como fiz ao longo do estágio para a criança com paralisia cerebral. Este aspeto não deve ser esquecido uma vez que é bastante importante para envolver as crianças.

Todas estas preocupações estiveram na base do trabalho que é o objeto de estudo deste relatório. Desta forma, tendo em conta as questões de partida que elaborei no seu início, posso concluir que ao longo do mesmo encontro algumas respostas para cada uma dela.

A primeira questão - Será que em termos táteis e visuais o material didático desperta o interesse da criança, ajudando assim na aquisição de conteúdos escolares? - depois de

elaborar os diversos jogos com um cuidado especial para a parte visual e tátil e após a criança contactar com os mesmo o resultado foi muito positivo e através da minha observação e das notas de campo que elaborei esse gosto é retratado.

A segunda questão - Como pode o professor desenvolver práticas diferenciadas? - passa muito pelas estratégias a ser utilizadas e sobretudo pela forma que estas são apresentadas e propostas às crianças. Para esta prática diferenciada é importante que haja um bom conhecimento da turma, mesmo a nível dos gostos pessoais, para que a professora consiga chegar a cada aluno individualmente e pelo trabalho apresentado conclui-se que efetivamente (apesar de difícil dadas as condições) se pode fazer um trabalho diferenciado.

A terceira questão - A adaptação curricular é algo essencial para a aprendizagem desta criança. Como fazê-lo e como pô-lo em prática? - refere-se ao trabalho conjunto da equipa de especialistas, técnicos e família que acompanham as crianças com NEE, pois é essencial que haja um trabalho em equipa, visando sempre o melhor para a criança em questão, só desta forma é possível ajudar a criança a crescer, como demonstro ao longo de todo o relatório com os materiais construídos e pelos resultados apresentados.

É nesta adaptação curricular que se inclui a diferenciação pedagógica, fazendo assim com que haja uma adaptação direcionada especificamente para que a criança consiga aprender, tendo em conta as suas dificuldades, e possa usufruir de diversas atividades adequadas às suas necessidades.

Por fim, na última questão - Qual é a importância da reflexão feita, após a sua utilização, sobre o trabalho realizado com os materiais adaptados? - refletir sobre os nossos atos é algo sempre importante, pois ajuda-nos a melhorar no futuro e a compreender o que correu menos bem no presente, assim, desta forma, refletir sobre o trabalho realizado com as crianças também é essencial para o que se segue, pois ajuda-nos a compreender se os objetivos principais foram alcançados, e sobretudo a analisar como todo o processo decorreu,

possibilitando assim a verificação do alcance dos objetivos delineados e daqueles que foram abordados na execução da ação sem serem planeados. Toda esta análise só é possível ser feita se houver, efetivamente, uma reflexão por parte do professor, pois assim é possível descobrir avanços no desenvolvimento das crianças. Segundo Alarcão (1996, p.175) a reflexão “implica uma perscrutação activa, voluntária, persistente e rigorosa daquilo em que se julga acreditar ou daquilo que habitualmente se pratica, evidencia os motivos que justificam as nossas acções ou convicções e ilumina as consequências a quem elas conduzem”.

Cresci, ajudei a crescer e tal como ajudei as crianças a aprender também sinto que aprendi bastante durante este tempo. Tenho consciência que deixei marcas em todas as crianças e adultos com quem privei durante este estágio, da mesma forma que todos eles também me marcaram bastante.

Pensando no futuro e em novos caminhos de intervenção, tendo em conta o tema que é falado e referido ao longo de todo o relatório final, posso afirmar que seria essencial a existência de materiais adaptados para crianças com NEE, pois se existem muitos livros escolares, porque não existir também materiais adaptados para crianças que necessitam, para que possam aprender e desenvolver as suas capacidades?

Este é um dos aspetos que acho fundamental, porque parece ser possível a sua concretização. A verdade é que quando estamos no ativo e quando se trata de uma turma com uma diversidade tão grande como esta, o tempo torna-se curto, por mais que trabalhemos em casa, fora do tempo letivo.

Deste forma, outra opção que seria viável era existir uma compilação de materiais e jogos, fáceis de construir de forma a trabalhar os diversos conteúdos existentes ao longo de um 1ºCiclo, podendo assim ajudar o professor/educador a montar e concretizar o que necessitasse, consoante o ambiente envolvente, de forma a dar resposta a todas as crianças. Estes materiais e jogos também poderiam estar disponíveis previamente para que os

professora e as escolas tivessem fácil acesso de forma a que pudessem existir na escola, para que fosse possível trabalhar com todas as crianças.

Cada criança é uma criança, e cada caso é um caso, desta forma, os materiais teriam de ser simples, diretos e apelativos, de forma a que se ajustassem conforme a necessidade de cada criança.

## Referências Bibliográficas

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação – Um guia prático e crítico* (1ª ed.).

Porto: ASA Editores

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional* (1ª ed.).

Lisboa: Universidade Aberta [Consultado em PDF]

Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão* (1ª ed.).

Porto: Porto Editora

Andrade, A.B.G.; (2007). Ficheiro em PDF: Relações interpessoais no ensino de ciência In

Faculdade de Física Programa de Pós-Graduação em educação em ciência e matemática.

Recuperado em [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=677](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=677). Consultado dia 15 de fevereiro pelas 10h25m.

Bautista, R. (Coord.) (1997). *Necessidades Educativas Especiais* (1ª ed.). Almada: DinaLivro

Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação* (1ª ed.). Porto: Porto

Editora

Brazelton, T.B., & Sparrow, J.D., (2010). *A criança dos 3 aos 6 anos – o desenvolvimento*

emocional e do comportamento (5ªed.). Lisboa: Editorial Presença

Cadima, A. (2006). Modalidades de Resposta. Diferenciação Pedagógica na Sala de Aula. Atas do Seminário Equidade na Educação: Prevenção de Riscos Educativos Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Correia, L.M. (2008). Inclusão e Necessidades Educativas Especiais – Um guia para educadores e professores (2ª ed.). Porto: Porto Editora

Direção Geral de Educação, Ministério da Educação, (2004). Organização curricular e programas: estudo do meio [formato PDF]. (4ª ed.). Recuperado em: <http://www.dgidec.min-edu.pt>. Consultado a 16 de abril de 2015, pelas 23h36.

Direção Geral de Educação, Ministério da Educação, (2009). Programa de Português do Ensino Básico [formato PDF]. Recuperado em: <http://www.dgidec.min-edu.pt>. Consultado a 16 de abril de 2015, pelas 23h40.

Ferreira, M.C.T.R., Ponte, M.M.N, Azevedo, L.M.F. (2000). Inovação curricular na implementação de meios alternativos de comunicação em crianças com deficiência neuromotora grave (2ª ed.). Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência

Ladeira, F., Amaral, I., (2010). A educação de alunos com multideficiência nas escola de ensino regular (2ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação

Morgado, J. (2004). Qualidade na Educação – Um desafio para os professores (1ªed.). Lisboa: Editorial Presença

Nielsen, L.B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula – um guia para professores* (1ª ed.). Porto: Porto Editora

Niza, S. (2015, fevereiro 4). A diferenciação pedagógica nas práticas educativas. Recuperado em 2015, março 30, de [http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/espaco\\_entrevistas/sergionizajl4fev2015.pdf](http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/espaco_entrevistas/sergionizajl4fev2015.pdf)

Nóvoa, A. (2005). *Evidentemente – Histórias da Educação* (1ª ed.). Lisboa: ASA Editores

Pereira, F. (Coord.) (2009). *Desenvolvimento da Educação Inclusiva: da retórica à prática* (1ª ed.). Portugal: Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular e Direção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo

Revista Noesis - CADIMA, A. (1996), *Diferenciação: no caminho de uma escola para todos*, Noesis nº40.

Rodrigues, L. (2008). A supervisão pedagógica enquanto escrutínio do real. In. A. Mendonça, e A. V. bento, *Educação em Tempo de Mudança* (pp. 195-214). Madeira: CIE-UMA.

Rodrigues, M.M.R. (2012). *Os subprocessos do processo de escrita* In Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa; Obtido em <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/1786/1/Os%20subprocessos%20do%20processo%20da%20escrita.pdf>. Consultado dia 18 de abril pelas 15h36m.

Sandall, S.R.; Schwarts, I.S. (2003). Construindo Blocos – estratégias para incluir crianças com necessidades educativas especiais em idade pré-escolar (1ª ed.). Porto: Porto Editora

Santos, L. (2009). Diferenciação pedagógica: um desafio a enfrentar. Noesis 79, (pp. 52-57).

Obtido em 18 de abril de 2015, em:

<http://www.dge.mec.pt/index.php?s=directorio&pid=76>

Sousa, A. B. (2009). Investigação em Educação (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte

Tavares, J., Pereira, A.S., Gomes, A.A. (2007). Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (1ª ed.). Porto: Porto Editora

Tomlinson, C.A. (2008). Diferenciação Pedagógica e Diversidade – ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidades (1ª ed.). Porto: Porto Editora

Zabalza, M.A. (2000). Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola (3ª ed.). Rio Tinto: Edições ASA

## **Anexos**

## Anexo 1

ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCADORES DE INFÂNCIA  
MARIA ULRICH

26 de novembro de 2014

Eu, Raquel Quintino, aluna da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich (ESEIMU) estou a terminar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo, e a ser supervisionada pela professora Celeste Ribeiro, pela referida escola. Encontro-me a estagiar na turma do [redacted] desde do dia 03 de novembro, onde irei permanecer até dia 20 de fevereiro de 2014.

Neste momento estou no último ano do curso, e tenho de realizar um relatório final de curso contextualizado na turma em que estou inserida. Como tal, e porque tenho particular interesse com casos de NEE (necessidades educativas especiais), apesar de não ter qualquer formação acrescida, gostaria de realizar o meu trabalho sobre este tema, uma vez que é uma área que me suscita interesse.

Venho por este meio solicitar acesso a um relatório mais pormenorizado sobre o [redacted] e/ou mais informação de que disponha caso ache conveniente. O tema do meu relatório final seria "Construção de material didático para crianças com NEE", neste caso mais direcionado para o [redacted].

Em nenhuma altura irei fazer referência nem ao nome do [redacted], nem à instituição que frequenta.

Agradeço desde já a sua disponibilidade, referindo novamente que a leitura do relatório do [redacted] é bastante importante para o meu trabalho, de forma a estar o mais informada possível. Pretendo desta forma construir materiais que estejam o mais direcionados e sejam adequados para crianças como o [redacted], promovendo uma melhor aprendizagem.

Obrigada,

Raquel Quintino

(Raquel Quintino)

Celeste Ribeiro

(Celeste Ribeiro)

Eu, [redacted] encarregado de educação do aluno [redacted] venho por este meio autorizar / ~~autorizar~~ (riscar o que não interessa), a consulta do processo de meu educando salvaguardando a sua identidade e dos intervenientes envolvidos no mesmo.

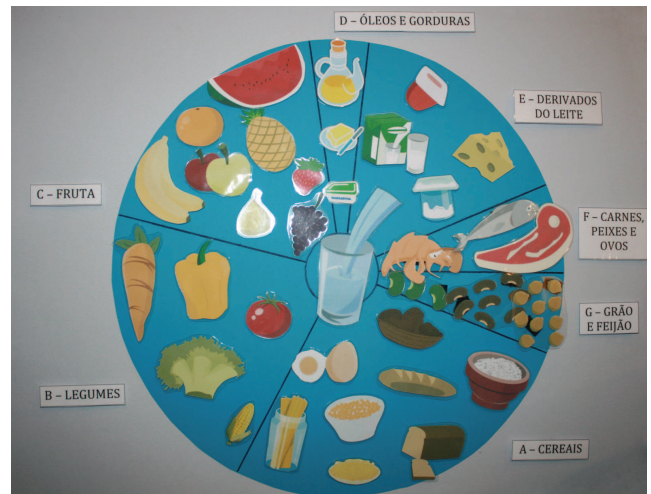
Assinatura:

Data: 01/12/2014

**Anexo 2****Ficha de Construção de Material Adaptado****1****Título:** Jogo da Roda dos Alimentos**Material:**

- 1 cartolina 50 x 65
- 1 placa de cartão cinzento de 2mm de espessura (cortada à medida da cartolina 50 x 65)
- Cola, x-ato, régua, lápis e tesoura
- Marcador preto grosso
- Elementos constituintes da roda dos alimentos e secções denominadas de A – G (cereais; legumes; fruta; óleos e gorduras; derivados do leite; carnes, peixes e ovos; e grão e feijão) impressos e plastificados
- Máquina plástificadora com as respetivas folhas
- Impressora e computador
- Velcro autocolante preto macho e fêmea.

**Registo de Imagens:**



Nota: Foram construídos dois jogos, um para ficar na sala onde estive a estagiar e outro para ficar para meu uso pessoal. A quantidade referida na listagem de materiais refere-se apenas à elaboração de um jogo.

**Título:** Jogo das Sílabas

**Material:**

- Listagem de palavras de duas e três sílabas (46 palavras no total)
- Tesoura e lápis de cor para pintar os desenhos
- Máquina plástificadora com as respetivas folhas
- Impressora e computador
- Sílabas, tabuleiros e imagens impressas e plastificadas
- Velcro autocolante preto macho e fêmea.
- Caixa de cartão para guardar o jogo

**Registo de Imagens:**

Nota: Foram construídos dois jogos, um para ficar na sala onde estive a estagiar e outro para ficar para meu uso pessoal. A quantidade referida na listagem de materiais refere-se apenas à elaboração de um jogo.

**Título:** Jogo dos Animais – Quem são e onde vivem

**Material:**

- Fundos de classificação e de habitats impressos e plastificados em A3, cinco imagens respetivamente: casa – domésticos; selva – selvagens; mar – ambiente aquático; terra – ambiente terrestre; ar – ambiente aéreo)
- Animais impressos e plastificados com o tamanho de 9,5 x 6,5; ao todo 34 animais
- Bostik para prender os animais aos respetivos fundos
- Máquina plástificadora com as respetivas folhas
- Impressora e computador

**Registo de Imagens:**

Nota: Foram construídos dois jogos, um para ficar na sala onde estive a estagiar e outro para ficar para meu uso pessoal. A quantidade referida na listagem de materiais refere-se apenas à elaboração de um jogo.

**Título:** Jogo da Memória

**Material:**

- 1 placa de cartão cinzento de 2mm de espessura (cortada à medida das imagens para o jogo 7 x 7)
- Imagens impressas com tamanho 7 x7 (9 imagens de diversas, ou seja 16 no total)
- Logótipo impresso com tamanho 7 x7 (18 no total)
- X-ato, tesoura, guilhotina e cola líquida
- Impressora e computador
- 1 caixa de cartão para guardar o jogo

**Registo de Imagens:**

Nota: Foram construídos dois jogos, um para ficar na sala onde estive a estagiar e outro para ficar para meu uso pessoal. A quantidade referida na listagem de materiais refere-se apenas à elaboração de um jogo.

## Anexo 3

Nota de Campo

1

**Situação:** Conversa e jogo sobre os animais e os seus habitats

**Data:** 22 de janeiro de 2015

**Hora:** 14h30

**Duração:** 30 minutos aproximadamente

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Eu e o João (nome fictício)

**Género:** masculino

**Idade:** 8 anos

**Contexto:** Trabalhar conteúdos escolares - Os Animais

Notas Descritivas	Notas Inferências
<p>(mostrei as placas com os diferentes habitats - aquático, terrestre e aéreo, uma de cada vez e perguntei)</p> <p>Raquel - O que é isto?</p> <p>João - É o ma. (é o mar)</p> <p>Raquel - E isto?</p> <p>João - É o téu. (é o céu)</p> <p>Raquel - E isto?</p> <p>João - É a teta. (é a terra)</p> <p>Raquel - Muito bem!!! Acertaste em todos!!</p> <p>(O João riu-se)</p> <p>(peguei nos cartões dos animais e mostrei um de cada vez e perguntei)</p> <p>Raquel – Que animal é este?</p>	<p>Será que para o João este tipo de atividades menos escolarizadas e mais didáticas são promotoras de aprendizagens?</p> <p>Será que esta atividade só teve estes resultados por ter sido feita individualmente ou será que teria os mesmo, se tivesse sido feita em com as restantes crianças da turma?</p> <p>Será que a escolha das imagens e do jogo em si foi determinante para a aprendizagem e evolução da criança?</p>

<p>João - É o pato.</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>João - É o patáago. (papagaio)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>João - É o polto. (polvo)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>João - É o pititito. (piriquito)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>(a criança olhou e não disse nada, eu percebi que não sabia, então eu disse)</p> <p>Raquel - É o golfinho.</p> <p>(e a criança rapidamente repetiu)</p> <p>João - É o tutino. (golfinho)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>(a criança novamente olhou e não disse nada, eu percebi que não sabia, então eu disse:)</p> <p>Raquel - É a cegonha.</p> <p>(e a criança rapidamente repetiu)</p> <p>João - É a tinota. (cegonha)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>João - É o puaão. (tubarão)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>João - É o bpueta. (borboleta)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>João - É o nemo. (peixe palhaço)</p> <p>Raquel - E este?</p> <p>(a criança olhou e não disse nada, eu percebi que não sabia, então eu disse)</p> <p>Raquel - É o flamingo.</p> <p>(e a criança rapidamente repetiu)</p> <p>João - É o tamino. (flamingo)</p> <p>Raquel - E este? É o último.</p>	<p>Será que o tamanho das imagens e o facto de serem apelativas ajudou a que a criança mostrasse curiosidade e entusiasmo em realizar a atividade?</p> <p>Será que a criança ficou mesmo a saber os nomes dos animais ou apenas os repetiu?</p> <p>A aprendizagem terá a ver com o facto de ser emocionalmente envolvente?</p>
--	--

<p>(a criança olhou e não disse nada, eu percebi que não sabia, então eu disse)</p> <p>Raquel - É a baleia</p> <p>(e a criança rapidamente repetiu)</p> <p>João - É o balaia. (baleia)</p> <p>...</p>	
---	--

**Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)**

Todos os nomes dos animais que a criança sabia tinham sido estudados através duma atividade “idêntica” e que tinha sido feita anteriormente em grande grupo, por esta razão a criança não os tinha apreendido.

Este foi um momento que achei relevante, pois é curioso ver como umas paisagens em A3 e várias imagens de animais em A6 podem ajudar na aprendizagem e desenvolvimento de uma criança que a partir dos livros não a consegue realizar.

As questões colocadas à criança só tinham sido feitas uma vez, na sexta feira anterior, dia 16 de janeiro. Passado quase uma semana a criança sabia os nomes de quase todos os animais como se pode observar através do diálogo realizado e sabia identificar perfeitamente os animais e sobretudo qual o habitat de cada um.

Foi uma tarefa simples feita com materiais simples que eu tive a liberdade de fazer e de os levar, que ajudaram muito a que a criança conseguisse observar os animais e aprender com isso. A motivação da criança demonstrada na atividade foi espantosa.

Esta é uma criança trabalhadora, mas tem de ser sistematicamente motivada e estimulada, este novo material teve um resultado espantoso, pois efetivamente a criança conseguiu desenvolver conhecimentos e aprendizagens importantes. Como afirma Fonseca (1999, p.168) "A noção de motivação está também intimamente ligada à noção de aprendizagem. A estimulação e a actividade em si não garantem que a aprendizagem se opere. Para aprender é necessário estar-se motivado e interessado."

Estes momentos são muito importantes, pois mostram o desenvolvimento de aprendizagem que a criança faz e toda a evolução que esta consegue fazer em pouco tempo, quando a intervenção é feita de uma forma lúdica, cativante, motivadora e interessante. Esta criança não tem um desenvolvimento adequado à sua idade, mas é

notório que existe um grande empenho quer da criança, quer dos pais, pois tentam sempre ajudar da melhor forma e fazem questão que a criança seja acompanhada por terapeutas, todas as manhãs, excepto à quarta feira, para que tenha uma aprendizagem mais direccionada, individualizada e melhor.

Existe uma atenção muito grande quando algum adulto está a explicar algo, ou neste caso, a dizer o nome de algum animal. O empenho é notório o que ajuda a que a criança desenvolva as aprendizagens de uma melhor forma.

**Situação:** Conhecimento da Roda dos Alimentos

**Data:** 09 de fevereiro de 2015

**Hora:** 09h15

**Duração:** 10 minutos aproximadamente

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Eu e o João (nome fictício)

**Género:** masculino

**Idade:** 8 anos

**Contexto:** Trabalhar conteúdos escolares (Roda dos Alimentos)

<b>Notas Descritivas</b>	<b>Notas Inferências</b>
<p>(mostrei a rodas dos alimentos grande)</p> <p>Raquel - O que é isto?</p> <p>João – (aponta para o peixe e diz) É o pête. (é o peixe.)</p> <p>Raquel - Sim, esse é o peixe. Mas como é que se chama isto tudo? (e aponto para a roda toda)</p> <p>(a criança ficou calada)</p> <p>Raquel - É a Roda dos Alimentos. Repete tu.</p> <p>João - A doda du auimento. (a roda dos alimentos)</p> <p>Raquel - Muito bem João!</p> <p>...</p>	<p>Será que para primeiro contacto a criança aprendeu o nome correto da roda dos alimentos?</p> <p>Será que para esta criança é importante ter materiais mais lúdicos de forma a estimular e a despertar o interesse?</p> <p>Será que visualmente e em termos tácteis este material vai ajudar a que a criança evolua em relação a este conteúdo escolar?</p>
<p><b>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</b></p> <p>Este momento foi proporcionado por mim propositadamente, uma vez que este</p>	

conteúdo pouco ou nada tinha sido trabalhado com a criança. Foram apenas 10 minutos aproximadamente, para que a criança tivesse um primeiro impacto com o conteúdo em si.

Este conceito da Roda dos Alimentos, deveria ter sido trabalhado logo no primeiro período, tal como foi trabalhado com a restante turma.

A uma criança com dificuldades, como esta, não se exige que saiba o que são laticínios, nem hortícolas, assim como leguminosas mas sim que tenha uma noção do que é a “roda dos alimentos” e quais são os alimentos que dela fazem parte.

Este material, foi elaborado e construído por mim, pois acredito que crianças com perturbações precisam de materiais adaptados, de forma a trabalhar o que necessitam para aprender e de forma a estimular e melhorar o que precisam de desenvolver.

Nesta criança desenvolver a linguagem e a autonomia são dois aspetos muito importantes que não podem ser esquecidos diariamente. Com este material não só trabalhamos conteúdos de estudo do meio, mas também a linguagem e o aumento do vocabulário.

Para construir esta roda dos alimentos, tive em conta diversos aspetos, entre eles, se a criança tem a motricidade fina desenvolvida o suficiente para ser capaz de descolar e colar os alimentos e ser um material suficientemente chamativo para que causasse na criança interesse e curiosidade. Como afirma Bautista (1997, p. 303), “São atividades próprias para o seu nível, adaptando-as às suas características particulares e selecionando as mais importantes para alcançar os objetivos traçados. Para a realização das atividades devemos ter em conta o tipo de disfunção motora (...)”.

Ao longo da primeira abordagem a criança conseguiu identificar perfeitamente alguns dos alimentos existentes, como é o caso da laranja; maçã; morango; banana; pêra; cenoura; tomate; pão; peixe; iogurte; queijo; água; massa e cereais. O facto da criança ter identificado estes alimentos, pode ter a ver por serem alimentos com que a criança tem contacto diariamente.

Acredito que para primeiro contacto tenha sido positivo, o material também é visualmente atrativo, tem cores muito vivas, os alimentos estão plastificados e têm um toque liso e suave. Esta é uma criança muito tátil, por essa razão também passou algum tempo a mexer nas imagens.

**Situação:** Jogar o jogo da memória – plantas e estações do ano

**Data:** 19 de fevereiro de 2015

**Hora:** 10h00

**Duração:** 15 minutos aproximadamente

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Eu e o João (nome fictício)

**Gênero:** masculino

**Idade:** 8 anos

**Contexto:** Transmitir conteúdos escolares sobre as estações do ano e as plantas

Notas Descritivas	Notas Inferências
<p>Sentei-me com a criança numa mesa à parte, observámos as imagens e em conjuntos dissemos o nome de cada uma. Depois de identificarmos todas as imagens, perguntei à criança se queria jogar com imagens que diziam respeito às plantas ou se preferia jogar com as que diziam respeito às estações do ano.</p> <p>Apontando, a criança respondeu-me que preferia jogar com as imagens das estações do ano.</p> <p>Rapidamente, virei as peças para baixo (para que a criança não decora-se a posição das peças), para facilitar dispus em duas filas, pondo quatro peças na horizontal, em fila, uma vez que eram oito peças.</p> <p>A criança encontrou logo os pares,</p>	<p>Será que a criança não sabia o nome das imagens, por não ser algo com que lida diariamente?</p> <p>A atenção demonstrada pela criança será apenas, por ser um jogo?</p>

<p>percebi que era fácil de mais, logo de seguida baralhei as peças e dispus novamente em duas filas. Agora já com as peças totalmente baralhadas.</p> <p>A criança iniciou o jogo e quando virou as duas primeiras peças percebeu que não eram iguais, e olhou para mim com um ar muito espantado.</p> <p>Eu perguntei-lhe se eram iguais, respondeu-me que não. E eu aí disse, então vira ao contrário e agora sou eu.</p> <p>Na minha vez, virei outras duas peças, coincidência uma das peças era igual a que o João tinha virado anteriormente. O João estava muito atento e tinha memorizado quais eram as estações que tinham saído anteriormente assim, quando viu que eu tinha virado uma igual, rapidamente foi virar a peça que ele sabia que era igual a minha.</p> <p>O jogo continuou até o João descobrir os quatro pares correspondentes às estações do ano.</p>	<p>Será que o material lúdico estimula a atenção e o interesse da criança?</p>
<p><b>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</b></p> <p>Este momento foi proporcionado por mim, uma vez que a criança tinha realizado uma ficha de matemática e como tinha trabalhado de forma exemplar, decidi fazer um jogo antes do lanche.</p> <p>Propus o jogo da memória (feito por mim) e a criança concordou. Questionei-lhe se queria jogar e respondeu-me que sim.</p> <p>Inicialmente começámos por identificar as imagens, a criança mostrou algumas</p>	

dificuldades em dizer o “nome” de cada imagem, nas que tinha dificuldade ajudei, dizendo eu, o nome e a criança repetia.

Fizemos este exercício de repetição diversas vezes para que a criança exercitasse a linguagem e para não se esquecer do nome das imagens. Dê-mos especial atenção às estações do ano, porque foi o “tema”, que a criança escolheu para jogar.

O facto de ser um jogo da memória, é muito positivo, pois exercita a atenção e a memória. São dois aspetos fundamentais para uma boa aprendizagem e um desenvolvimento significativo. Segundo Fonseca, (1999, p.169) "O estímulo, ao ser repetido, é integrado funcionalmente produzindo por esse efeito facilitações sinápticas que têm por função conservar a informação.", desta forma a repetição é essencial para que se exercite a memória, por sua vez a memória também deve ser estimulada e trabalhada só por si só.

A memória é um aspeto importante a ser desenvolvido e trabalhado regularmente para um futuro melhor.

**Situação:** Jogo das Sílabas

**Data:** 19 de fevereiro de 2015

**Hora:** 11h50

**Duração:** 15 minutos

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Eu e o João

**Género:** masculino

**Idade:** 8 anos

**Contexto:** Trabalhar conteúdos escolares – divisão silábica (palavras 2 e 3 sílabas)

Notas Descritivas	Notas Inferências
<p>Tirei seis placas do jogo ao calhas, com palavras de duas e três sílabas, coloquei em cima da mesa. Descolei as sílabas, deixando nos cartões apenas as imagens e as sílabas soltas em cima da mesa.</p> <p>Disse à criança para escolher um cartão para começar e escolheu o cartão da “meia”, depois disse-lhe para olhar para as sílabas e procurar mei-a.</p> <p>Depois de completar foi buscar outra placa e continuou a atividade.</p> <p>Ao longo da atividade olhou para mim diversas vezes. (uma forma de pedir ajuda).</p> <p>Como percebi que estava com dificuldades, perguntava que imagem era a que a criança tinha, como identificava</p>	<p>Será que o facto da criança não ter uma dicção muito boa da fala, a prejudica na atividade?</p> <p>Porque é que será que quando sou eu a dizer a palavra a criança descobre logo as sílabas corretas?</p>

<p>muito bem, rapidamente me dizia o nome da imagem. Eu para ajudar repetia o nome por sílabas, para que a criança fosse à procura das sílabas que eu dizia.</p> <p>E assim se sucedeu com as restantes palavras, a ordem escolhida pela criança foi: meia, mapa, limão, tapete, apito, médico.</p>	
<p><b>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</b></p> <p>Esta atividade foi realizada duas vezes, uma vez com a minha ajuda e a segunda vez, logo de seguida mas, sozinha, sem ajuda.</p> <p>Inicialmente, a criança identificou muito bem as imagens, dizendo corretamente o nome das mesmas, já no que diz respeito à colocação das sílabas nos locais corretos houve algumas dificuldades.</p> <p>A forma que eu arranjei de ajudar a criança, foi em dizer a palavra devagar, de forma a que a criança ouvisse sílaba a sílaba e que pudesse associar às que tinha em cima da mesa.</p> <p>O facto de eu dizer as palavras como por exemplo mé-di-co, ajudava a criança a ir buscar o quadrado com a sílaba que eu dizia.</p> <p>A própria criança ao dizer o nome de cada imagem já o dizia dividindo silabicamente, pois a forma da criança falar é por sílabas, o que faz com que compreenda bem a divisão silábica. Já a linguagem em si é algo em que a criança tem muita dificuldade devido à sua perturbação. Como afirma Bautista (1997, p.297), "Vamos encontrar também dificuldades na produção de palavras: a fala é produzida aos saltos, com pausas respiratórias inadequadas e mesmo ligação de frase devida a uma respiração superficial ou arritmica. (...) Os atrasos no desenvolvimento da linguagem são muito significativos."</p> <p>A criança esteve ao longo da atividade, sistematicamente, a olhar para mim, o que mostra uma certa insegurança, pois estava sempre à espera que eu acenasse a cabeça a dizer se estava bem ou não. O que condicionou um pouco a atividade.</p> <p>A segunda parte da atividade, a criança realizou-a sozinha, mas estava sempre a olhar para mim, para ver se eu dizia se estava bem ou mal. Mesmo depois de eu ter</p>	

dito que só ia ver no fim a criança continuava à espera de uma resposta da minha parte. Como vi que era essencial o meu feedback para o decorrer do jogo, fui dizendo de estava bem ou mal, mas sem nunca dizer a própria palavra.